

MONSANTO
SOBRE LISBOA

RESUMO

Monsanto apresenta-se hoje como um território expect- ante. A sua história conta-se através de uma sobreposição de acções desconexas, o que resultou num parque am- biguo e em larga medida hermético.

"A primeira e primordial arquitectura é a geografia"¹ - À questão geográfica, somam-se muitas outras, mas no caso de Monsanto ela é uma questão crucial. É primordial desde logo porque é um problema a resolver. A acentuada topo- grafia de Monsanto impõe-se como uma das principais dificuldades ao uso do parque. Monsanto carece de uma espacialidade contínua e pensada - a sua paisagem perceptiva é confusa, como resultado de operações inacabadas e mal sobrepostas. O parque carece também de ligações eficientes, alternativas ao automóvel, à Lisboa urbana que o rodeia e que está separada por uma série de barreiras que tornam a maior parte dos limites de Monsanto intransponíveis ao peão.

O projecto dá resposta a estes problemas, tendo em vista um melhor uso do parque, potenciando as qualidades inegáveis deste território.

¹ Paulo Mendes da Rocha; Exame para o cargo de Professor Titular de Projeto de Arquitetura da FAUUSP.

Palavras-chave:

palimpsesto; paisagem; miradouro; mobilidade

ABSTRACT

Monsanto comes today as an expectant territory. Its history is made of an overlap of disconnected actions and as a result the park became ambiguous and largely hermetic.

"The first and primordial architecture is the geography"¹. Many other questions are added, nevertheless, it is an absolutely crucial point in Monsanto.

It is primordial immediately over being a problem to solve. The sharp topography of Monsanto is one of the main obstacles for the use of the park. Monsanto lacks a well thought and continuous spatiality - its perceptual landscape is confuse, as a result of unfinished and wrong actions. The park also lacks efficient con- nections, apart from by road, to its urban surroundings which are separated by a series of barriers that make most of Monsanto's limits insurmountable for pedestrians.

The project provides an answer to these problems, owing to a better use of the park, extolling the undeniable potential of this territory.

¹ Paulo Mendes da Rocha; Exame para o cargo de Professor Titular de Projeto de Arquitetura da FAUUSP.

Keywords:

palimpsest; landscape; viewpoint; mobility



FORMA

A forma do trabalho segue o projecto e a sua estratégia.
O título enuncia o tema que se divide no trabalho em dois capítulos:
Monsanto sobre Lisboa: analisando primeiro o parque enquanto palimpsesto e potenciando-o como parque miradouro.
No segundo capítulo uma reflexão propositiva sobre Monsanto e sua relação com Lisboa.
Os desenhos e imagens introduzem uma leitura analítica e um carácter propositivo.
As passagens com corpo maior expressam ideias-chave a reter.

André Castro | 20080687
Orientadores:
Arq^a Inês Lobo
Arq^o Joaquim Moreno
Arq^o João Vaz
2013/2014



ÍNDICE

INTRODUÇÃO	
Monsanto - de que falamos?.....	8
I. O PARQUE MIRADOURO	
1.1. GRANDES PARQUES	
Comparação de escalas.....	12
<i>Central Park</i> - o exemplo de Olmsted.....	14
1.2. O PARQUE COMO PALIMPSESTO	
Aqueduto das águas livres.....	18
Paisagem produtiva.....	20
Reflorestação do parque.....	22
<i>Boschplan</i>	24
Plano Keil do Amaral.....	26
Parque miradouro.....	28
Parque hermético.....	32
O centro descaracterizado.....	38
1.3. PAISAGEM PERCEPTIVA	
O meio ambiente.....	40
A Clareira como tipologia estruturante de um parque.....	42
Água - elemento de paisagem e memória.....	44

II. NOVAS MOBILIDADES	
2.1 ANÁLISE URBANA	
barreiras.....	52
corredor verde - existente+extensão.....	58
Mobilidade - os <i>nós</i> em Lisboa	62
2.2 NOVAS MOBILIDADES	
Teleférico: Amoreiras-Alto de Monsanto.....	64
Reservatório das Amoreiras.....	66
Campo de Ourique-Campolide.....	66
Edifício interface.....	74
O teleférico como percurso miradouro.....	86
2.4 CENTRO DE MONSANTO	
Reactivação do Restaurante Panorâmico.....	88
Centro de experimentação teatral.....	96
SÍNTESE DO PROJECTO	
Conclusão.....	102

ÍNDICE DE IMAGENS

i01: Ortofotomapa de Lisboa CASTRO, André. 2014	1
i02: Planta de <i>Manhattan</i> http://www.shutterstock.com s/ autor	14
i03: Interpretação de fotografia aérea de <i>Manhattan</i> http://ajkljls.wordpress.com/2013/01/11/new-york-citys-central-park-from-the-sky. [consult. 08 Jun. 2014] SEMONOV, Sergey	14
i04: Planta do <i>Central Park</i> . Edição "D. T. Valentine's Manual" http://www.geographicus.com/P/AntiqueMap/CentralPark-valentine-1860 HAYWARD, George. 1860	15
i05: Lago no <i>Central Park</i> http://www.panoramio.com/ s/ autor	17
i06: Clareira no <i>Central Park</i> http://www.panoramio.com/ s/ autor	19
i07: Aqueduto das Águas Livres, vendo-se ao fundo a serra de Monsanto Arquivo Municipal de Lisboa http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/ GUEDES, Paulo. [19--]	21
i08: Exercícios militares na Serra de Monsanto Arquivo Municipal de Lisboa http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/ GUEDES, Paulo. [19--]	21
i09: Panorâmica tirada do Casal de Pedro Teixeira sobre Monsanto Arquivo Municipal de Lisboa http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/ PORTUGAL, Eduardo. [1940]	21
i10: Circuito de Monsanto Arquivo Municipal de Lisboa http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/ MADUREIRA, Claudino. 1953	21
i11: Reflorestação de Monsanto pela mocidade portuguesa Arquivo Municipal de Lisboa http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/ s/ autor. [c. 1938]	22

i12: Panorâmica tirada da Serra de Monsanto vendo-se o rio Tejo e a margem sul Arquivo Municipal de Lisboa http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/ SERÓDIO, Armando. [1962]	23
i13: Ortofotomapa <i>Boschplan</i> , Amesterdão CASTRO, André. 2014	24
i14: Fotografias <i>Boschplan</i> , Amesterdão http://www.panoramio.com/ s/ autor	25
i15: Fotografia Parque infantil do Alvito CASTRO, André. 2014	27
i16: Fotografia Parque infantil do Alto da Serafina CASTRO, André. 2014	27
i17: Fotografia Montes Claros CASTRO, André. 2014	27
i18: Fotografia panorâmica a partir do miradouro Moinho do Alferes CASTRO, André. 2014	28
i19: Fotografia panorâmica a partir de Monsanto sobre a serra de Sintra CASTRO, André. 2014	30
i20: Fotografias das principais espécies arbóreas em Monsanto CASTRO, André. 2014	33
i21: Planta do teatro ao ar livre. Projecto de Keil do Amaral Arquivo Municipal de Lisboa http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/ PORTUGAL, Eduardo. 1944	34
i22: Vista aérea sobre Monsanto http://www.bing.com/maps/ CASTRO, André. 2014	34
i23: Perspectiva de Keil do Amaral sobre o padrão miradouro Arquivo Municipal de Lisboa http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/ PORTUGAL, Eduardo. 1944	35

36	i24: Fotografia <i>Blue Ridge Parkway</i> http://www.hcpress.com/ s/ autor.
37	i25: Vista a partir da estrada do Alvito em Monsanto Arquivo Municipal de Lisboa http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/
37	i26: Vista a partir da estrada do Alvito em Monsanto CASTRO, André. 2014
39	i27: Ortofotomapa centro de Monsanto CASTRO, André. 2014
43	i28: Fotografia Parque do Calhau CASTRO, André. 2014
47	i29: Fotomontagem: Lago em Monsanto CASTRO, André. 2014
50	i30: Fotografia Panorâmica a partir do Cristo Rei sobre Lisboa CASTRO, André. 2014
52	i31: Fotografia sobre o vale de Alcântara WAGAARD, Marius. 2013
54	i32: Fotografia sobre a A5 CASTRO, André. 2014
56	i33: Fotografia sobre a linha de comboio sul WAGAARD, Marius. 2013
59	i34: Fotografia a partir do corredor verde sobre Monsanto CASTRO, André. 2014
71	i35: Imagem representativa do caminho sobre o Reservatório das Amoreiras CASTRO, André. 2014
71	i36: Montagem sobre vista aérea no reservatório das Amoreiras http://www.bing.com/maps/ CASTRO, André. 2014

80	i37/38: Fotografias de maquete de estudo à esc. 1:2000 CASTRO, André. 2014
81	i39: Fotomontagem a partir do reservatório das Amoreiras sobre Monsanto CASTRO, André. 2014
86	i40: Fotografia panorâmica a partir de Monsanto sobre o rio e a margem sul CASTRO, André. 2014
91	i41: Restaurante panorâmico de Monsanto Arquivo Municipal de Lisboa http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/ GERALDES, João Brito. 1967
87	i42: Imagem aérea do Forte Sá da Bandeira em Monsanto http://www.redeconhecimentojustica.mj.pt s/ autor
91	i43: Fotografia Restaurante Panorâmico CASTRO, André. 2014
92	i44: Fotografia Restaurante Panorâmico CASTRO, André. 2014
93	i45: Fotografia Panorâmica sobre Lisboa a partir do Restaurante Panorâmico CASTRO, André. 2014
101	i46: Imagem 3D: sala de teatro CASTRO, André. 2014

MONSANTO - de que falamos?

Uma reflexão sobre Monsanto começa necessariamente pela compreensão da sua dimensão. Monsanto representa cerca de 12% de toda a área metropolitana da Lisboa central.

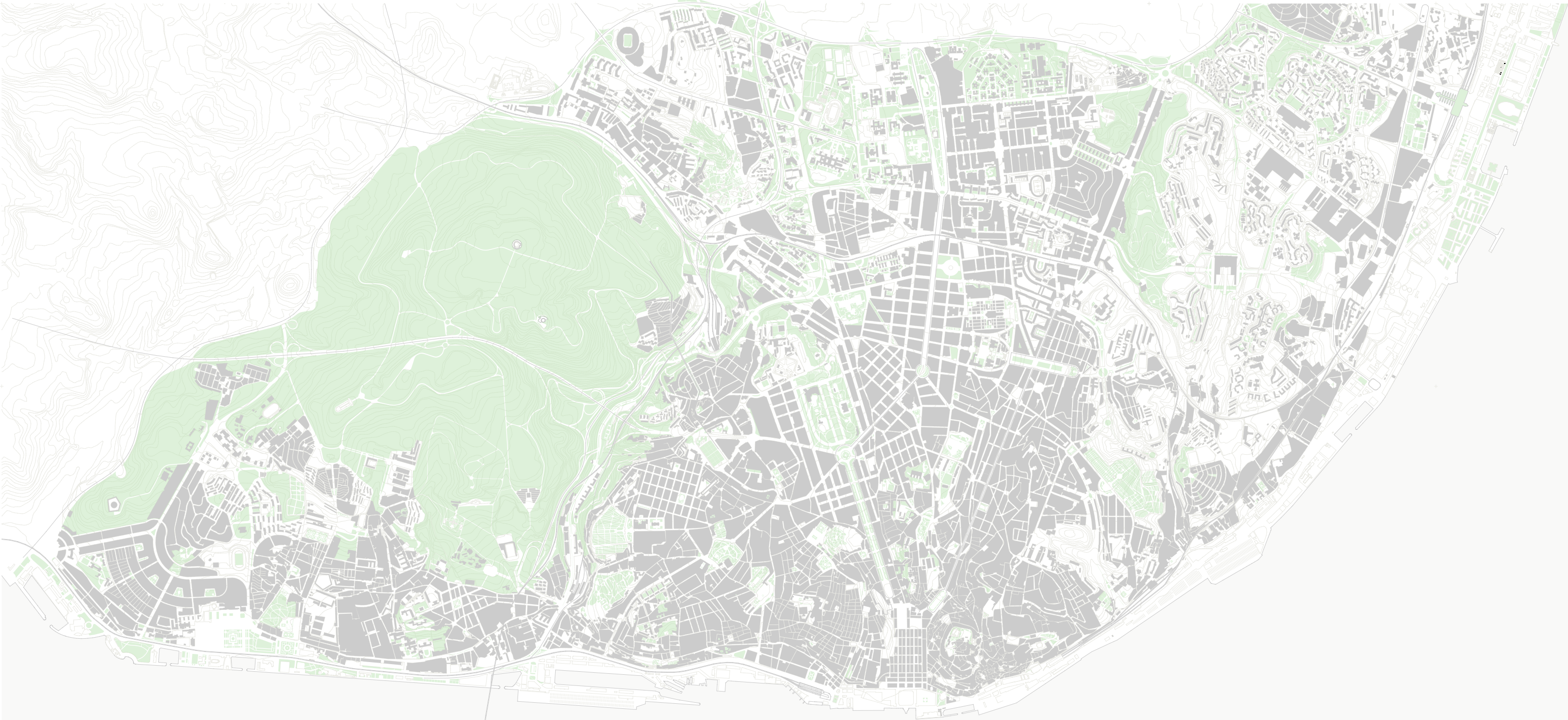
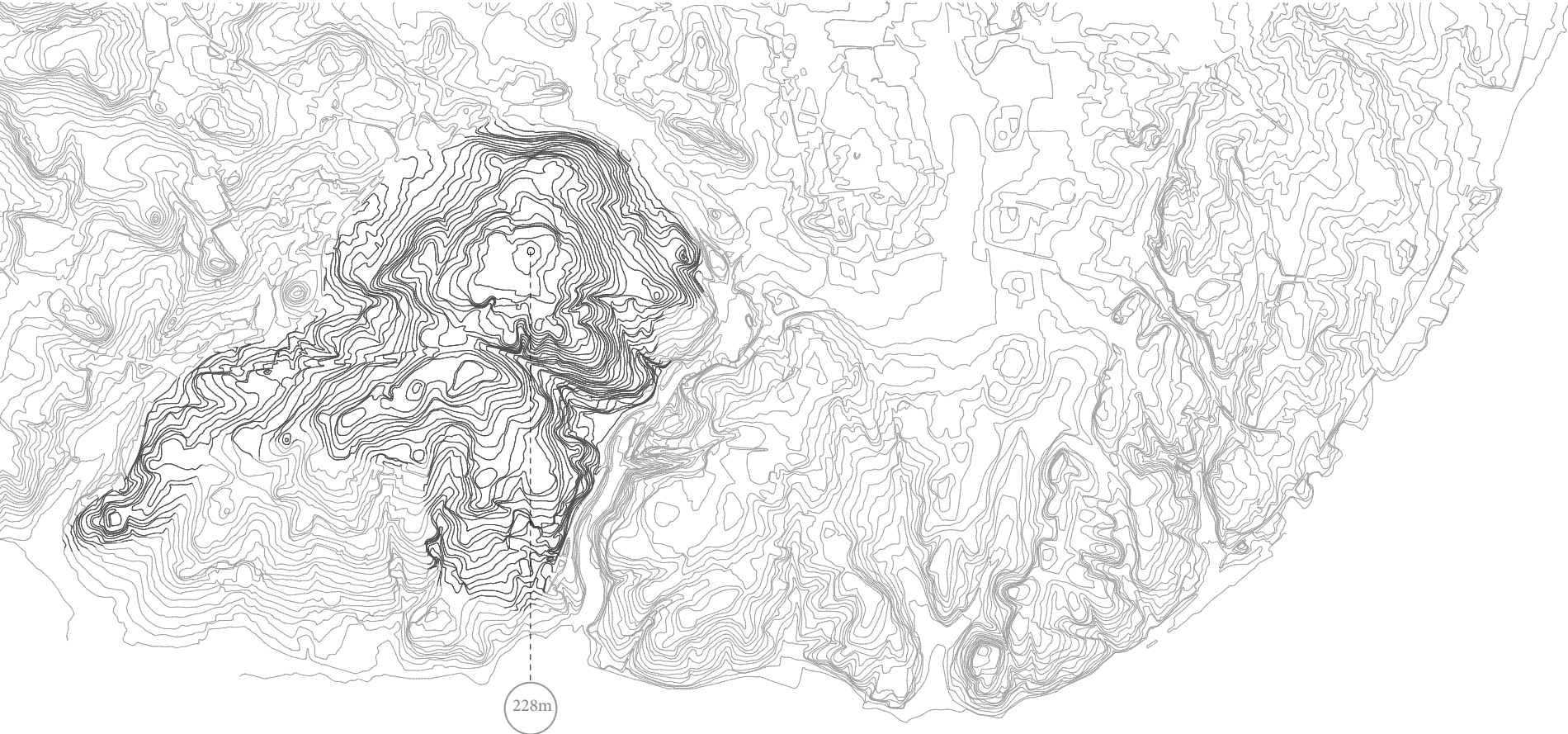
Localizado na zona ocidental de Lisboa, Monsanto tem na sua topografia acidentada uma das suas principais características. Esta realidade traz grandes dificuldades no que diz respeito ao acesso e uso do parque, mas também o dota de vários miradouros (qualificados ou por qualificar).

Pontos que proporcionam vistas únicas sobre Lisboa, o Tejo e a outra margem. É em Monsanto que se localiza o ponto mais alto de Lisboa (228m).

Analisando a Lisboa central e todos os seus espaços verdes qualificados. A dimensão de Monsanto é absolutamente esmagadora representando 83% desse universo.

É conhecido como o pulmão da cidade. Mas apesar desse rótulo, apesar de tanto verde, está longe de ser visto pelos lisboetas como um espaço verde de eleição. Não o é por várias razões, podendo vir a sê-lo por tantas outras.

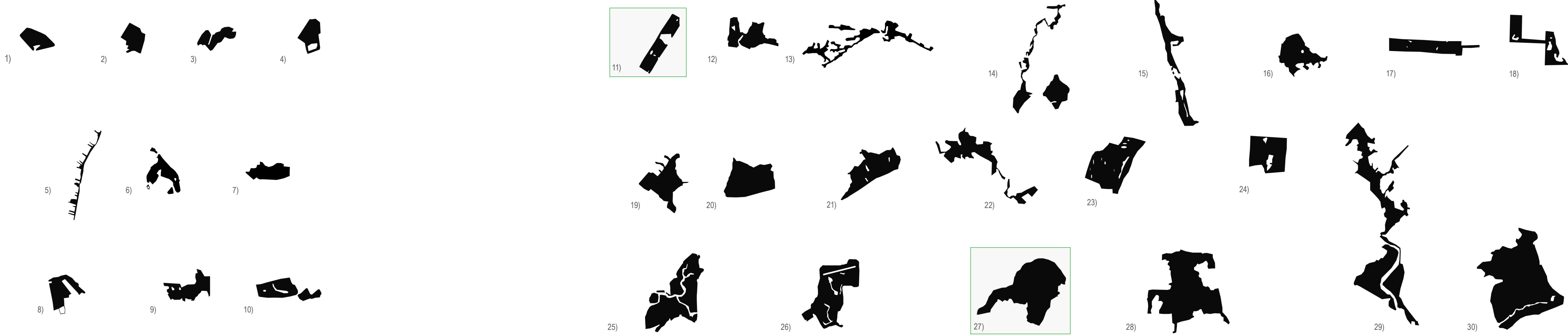
Planta topográfica de Lisboa



I. O parque miradouro

GRANDES PARQUES - Comparação de escalas

Nome e localização	hectares	Nome e localização	hectares
1) Sausset Paris, França	180	16) Stanley Park Vancouver, Canadá	405
2) Hermann Park Houston, E.U.A.	180	17) Golden Gate São Francisco, E.U.A.	410
3) Landschaftspark Duisburg, Alemanha	200	18) South Park Chicago, E.U.A.	423
4) Prospect Park Brooklyn, E.U.A.	213	19) Balboa Park San Diego, E.U.A.	486
5) Hudson River Park Nova Iorque, E.U.A.	222	20) Orange County Great Park Los Angeles, E.U.A.	533
6) Elysian Park Los Angeles, E.U.A.	243	21) Presidio Park San Francisco, E.U.A.	591
7) Tiergarten Berlim, Alemanha	255	22) Chapultepec Park Cidade do México, México	647
8) Downsview Park Toronto, Canadá	259	23) Gwynn's Fall Greenway Baltimore, E.U.A.	809
9) Mont Royal Montreal, Canadá	270	24) Bois de Boulogne Paris, França	846
10) Hyde Park Londres, Grã-Bretanha	295	25) Fresh Kills Staten Island, Holanda	890
11) Central Park Nova Iorque, E.U.A.	346	26) Amsterdam Bos Amsterdão, Holanda	935
12) Centennial Park Sydney, Austrália	364	27) Monsanto Lisboa, Portugal	1045
13) Lake Ontario Park Ontario, Canadá	374	28) Griffith Park Los Angeles, E.U.A.	1704
14) Emerald Necklace Boston, E.U.A.	405	29) Fairmount Park Filadelfia, E.U.A.	1785
15) Lincoln Park Chicago, E.U.A.	405	30) Casa de Campo Madrid, Espanha	2833
16) Stanley Park Vancouver, Canadá	405		



CENTRAL PARK - *o exemplo de Olmsted*

Numa comparação de escalas é possível desmistificar a ideia de que Monsanto, pela sua escala, não possa ser pensado como um todo. Como um grande parque.

A ideia de grandes parques afirma-se sobre uma base conceptual complexa. Permite investigações a múltiplas escalas e através de diversas estruturas. Monsanto insere-se nesse universo, a escala dos grandes parques. O gráfico “comparações de escala” demonstra-o claramente. Apesar de se situar entre os maiores parques mundiais, é um entre outros. Todos os exemplos citados são casos de sucesso no funcionamento de cada parque e inserção nas respectivas cidades. Monsanto é a excepção - analisando o parque, o seu funcionamento e a aderência que este tem, não se pode categorizá-lo como um caso de sucesso. O exemplo do Central Park é interessante como caso de estudo, pelo contexto do seu surgimento, o seu desenho e a sua tipologia.

O Central Park, é o único parque urbano situado no distrito metropolitano de Manhattan, na cidade de Nova Iorque, E.U.A.. O parque tem uma geometria rectangular e as suas dimensões aproximam-se de 4.000m x 800m. Desenhado por Frederick Law Olmsted e Calvert Vaux o parque contém vários lagos artificiais, duas pistas de patinagem no gelo e áreas relvadas usadas para variadas actividades desportivas.

O projecto do Central Park não fez parte do grande plano dos Comissários

de1811. Ele nasce quando Andrew Jackson Downing, captou a opinião pública para a necessidade que a cidade tinha de um parque público.

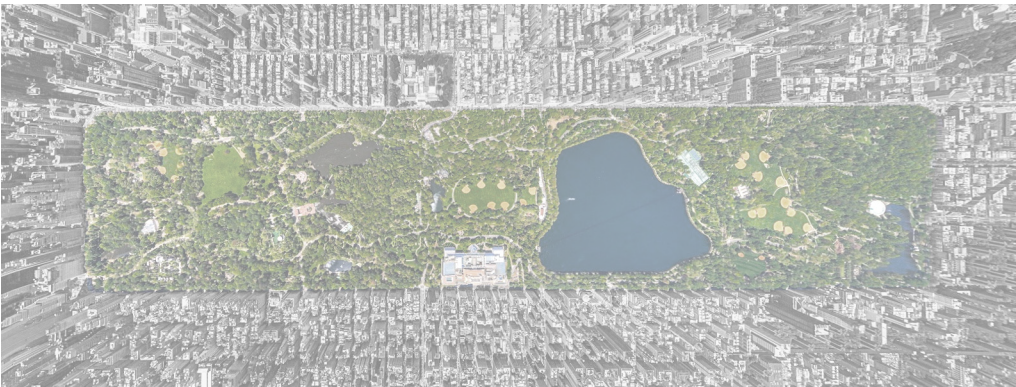
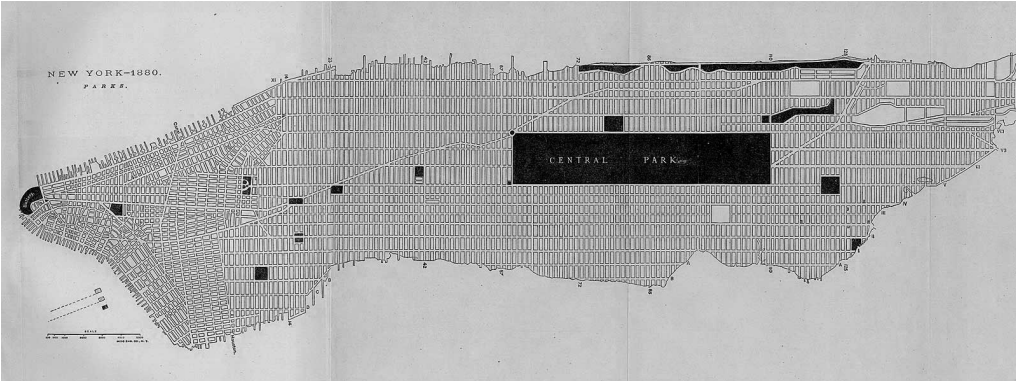
Tal como já havia em Paris, com o Bosque de Bologne, ou em Londres com o Hyde Park, Nova Iorque carecia de um grande espaço verde.

Frederick Law Olmsted e Calvert Vaux, os vencedores em 1958 do concurso para o Central Park, perceberam que a criação de um grande parque público iria melhorar a saúde pública e contribuir muito para a formação de uma sociedade melhor. Imediatamente, o sucesso do Central Park promoveu o movimento do parque urbano, um marco na democracia dos E.U.A. do século XIX. James Corner, no seu texto “Terra Fluxus”, fala sobre o surgimento dos parques urbanos numa lógica de compensação ao construído.

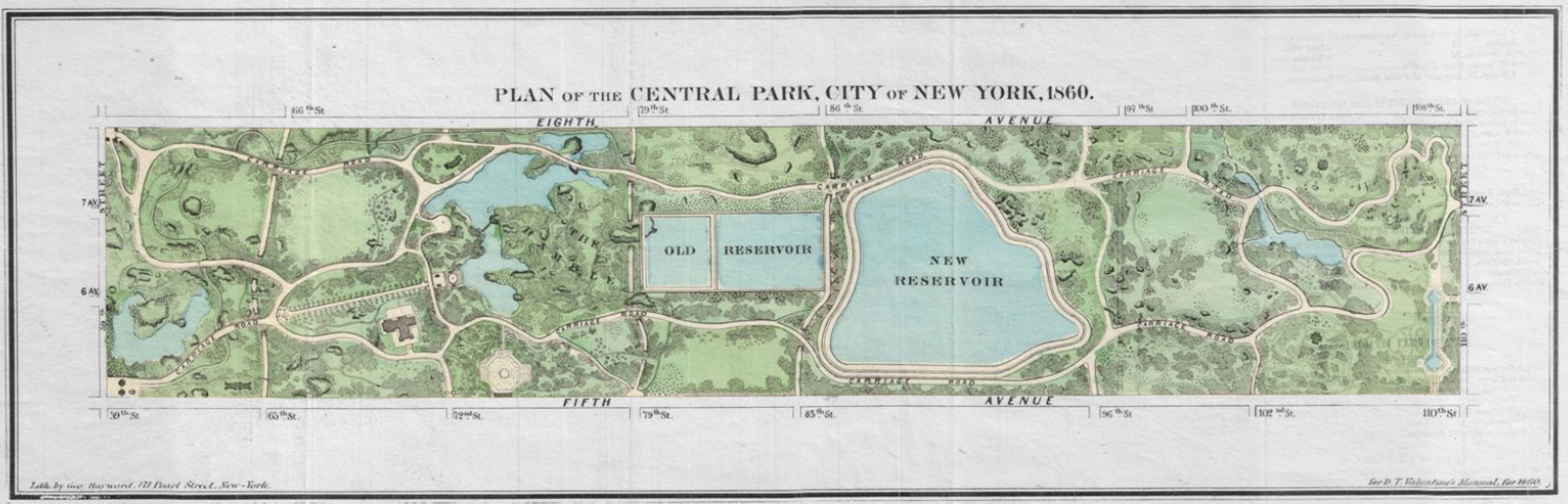
“Esta paisagem é o “outro” da cidade. O seu complemento essencial extraído de uma natureza de fora e que exclui construção, tecnologia e infraestrutura.”²

² CORNER, James. “Terra Fluxus”, p. 25

i02 Planta *Manhattan* | i03 Ortofotomapa *Central Park*



i04 Planta *Central Park* - George Hayward, 1860



CENTRAL PARK - *o exemplo de Olmsted*

O pensamento de James Corner fala-nos assim de cidades como espaços caracterizados por uma alta densidade de construção, infraestruturas e transportes, congestionamento, poluição e stress.

Enquanto que a paisagem, por oposição e sob a forma de parques, caracteriza-se por caminhos verdes, árvores, clareiras, lagos, assumindo-se como uma proteção aos efeitos nocivos da urbanização. Esta é a história dos parques do séc. XIX e o exemplo mais canónico é o Central Park de Olmsted, concebido como uma fuga à estrutura urbana de Manhattan. No entanto, o seu efeito catalizador também o enquadra como um modelo de paisagem urbanista.

O sucesso do *Central Park* passa muito pelo desenho de Olmsted e a tipologia do parque, que gera uma diversidade de espaços, que obedecem a uma estratégia de projecto.

Numa comparação tipológica entre o *Central Park* e Monsanto, pode-se desde logo destacar um maior equilíbrio no *Central Park* entre os espaços-mata e os espaços-clareira. Esta comparação serve de ponto de partida para enunciar dois problemas em Monsanto: a ausência de água e uma tipologia de parque excessivamente arborizada.

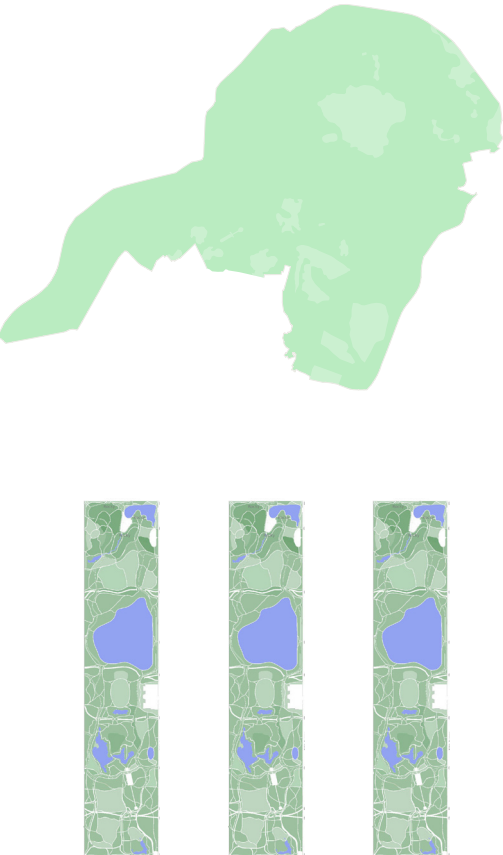
Esta discrepância é tanto mais evidente se compararmos a escala dos dois

parques. Ambos são grandes parques, sendo que Monsanto apresenta, *grosso modo*, três vezes a dimensão do *Central Park*.

Porque importa contextualizar Monsanto como um grande parque? O grande parque dispõe de uma escala suficiente para avaliar os graus de sucesso ou fracasso das muitas questões embutidas nas paisagens públicas, tais como: ecologia, ambiente, uso, acção humana, significado cultural e iconografia. Estas questões não podem ser compreendidas sem se considerar as características físicas do próprio local, a base fundamental de qualquer paisagem.

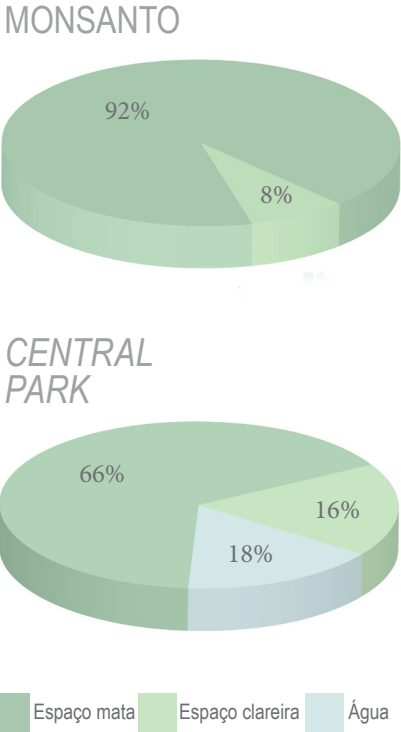
Os grandes parques levantam também questões sobre o desenho de grandes espaços públicos, à semelhança de um pensamento urbanístico sobre uma cidade.

Monsanto e *Central Park* - Comparação de escala



1045Ha
MONSANTO

346Ha
CENTRAL
PARK



Tipologias: Monsanto e Central Park | i05 Lago *Central Park* | i06 Clareira *Central Park*



O PARQUE COMO PALIMPSESTO

“A paisagem é um acumulado cultural, consubstanciada num palimpsesto topográfico”³

A perspectiva do Arquitecto paisagista João Gomes da Silva, tendo também como base teórica o trabalho de James Corner, abre-nos o conceito de paisagem a algo mais que a paisagem física captada pelo nosso olhar. Isto é, o lugar como inscrição de uma memória colectiva. Na reinvenção constante do espaço e sua transformação, geradora de novas relações individuais e colectivas com o mesmo.

Antes do movimento apologista de parques municipais na Europa, do início do século XIX, os espaços verdes eram na verdade, em regra geral, propriedade da nobreza, a que o público era convidado apenas ocasionalmente.

Ao longo da história alterou-se o carácter e a imagem dos parques, o papel que desempenham, o seu aparecimento relacionado com as cidades, e a sua utilização por diversos públicos. Democratizaram-se. Essa evolução inscreve-se no palimpsesto topográfico que nos fala James Corner e João Gomes da Silva. Analisar Monsanto a partir desse palimpsesto, dá-nos uma perspectiva crítica sobre as principais acções que se desenrolaram neste território ao longo da sua história.

³ GOMES DA SILVA, João. Conferência: “Lisboa a espessura do tempo 3 - Paisagem como construção cultural”

Mas essa perspectiva não é exclusivamente histórica, no sentido restrito da sua lógica temporal, mas acima de tudo uma perspectiva analítica. Proclama-se aqui a autonomia do campo da Arquitectura enquanto forma específica de conhecimento de que fala Rossi na obra “A Arquitectura da cidade”. Tema desenvolvido na parte final do trabalho como base para uma síntese e conclusão do trabalho. Uma das mais fortes inscrições no parque de Monsanto enquanto palimpsesto é o Aqueduto das águas livres que vai atravessar o parque no séc.XVIII, abastecendo Lisboa com a água que provinha de Belas.

Plantas esquemáticas do Aqueduto e distribuição de água em Lisboa



Aqueduto das Águas Livres e serra de Monsanto (19--)

O PARQUE COMO PALIMPSESTO

Monsanto é habitada desde os tempos pré-históricos - facto comprovado pelas numerosas descobertas arqueológicas efetuadas na sua área, destacando-se entre elas, as estações de Montes Claros e de Vila Pouca.

É a partir do início do desenvolvimento da cidade de Lisboa que se terá iniciado a destruição da floresta original de Monsanto.

A serra de Monsanto tem também na sua história uma relevante actividade moageira. O número de moinhos, em crescendo até meados do séc. XIX, terá chegado a um máximo de 75 unidades em laboração, tendo posteriormente entrado em declínio.

No séc.XIX, a serra de Monsanto caracterizava-se pela sua paisagem produtiva - coberta por Moínhos, searas e pastos para gado.

O seu passado evidencia esses vestígios e ruínas. Pode-se ainda encontrar vários moinhos em Monsanto, nomeadamente os moinhos: Penedo/Alferes, Mocho, Santana, Bairro do Caramão, Casalinho da Ajuda, Três Cruzes/Calhau e Caselas.

Monsanto teve também várias pedreiras em actividade, associadas ao crescimento de Lisboa e de onde se extraía a matéria-prima fornecida à cidade que crescia a Norte.

A serra de Monsanto fez também parte do Campo Entrincheirado de Lisboa, que se desenvolveu entre o final do século XIX e início do século XX. Hoje pode ainda observar-se o Forte do Alto do Duque, o Forte de Monsanto (usado como prisão) e a Luneta dos Quartéis.

Monsanto também foi palco de diferentes actividades desportivas e lúdicas. O Circuito de Monsanto é disso exemplo. Um circuito automóvel urbano que tinha 5,440 km de extensão, tendo início na estrada de Queluz, passando pela auto-estrada do Estádio Nacional (actual A5) - estrada do Alvito - estrada de Montes Claros (Alameda Keil do Amaral) - estrada do Penedo e terminando na estrada dos Marcos.

Em 1959, deu-se mesmo em Monsanto a disputa do 2.º Grande Prémio de Portugal de Fórmula 1.



i08 Exercícios militares na Serra de Monsanto (19--) | i09 Panorâmica tirada do Casal de Pedro Teixeira sobre Monsanto com a serra de Sintra ao fundo (1940) | i10 Circuito de Monsanto (1953)

O PARQUE COMO PALIMPSESTO

“As imediações de Lisboa, toda a Serra de Monsanto que muito conviria arborizar, (...) os verdes maciços de arvoredo que dariam à Cidade um aspecto mais risonho e modificariam favoravelmente o clima, contribuindo eficazmente para a salubridade pública”.⁴

É num relatório feito por Carlos Ribeiro e Nery Delgado em 1868 sobre a arborização do país, que se refere pela primeira vez a ideia de arborizar Monsanto. Mais tarde, em 1926 e 1927, as propostas de ordenamento apresentadas integram a ideia da arborização bem como equipamentos lúdicos e miradouros, nomeadamente na zona Noroeste da Serra de Monsanto.

É com a vontade política do Estado Novo, personalizada em Duarte Pacheco, que o Parque Florestal se vai tornar uma realidade, destinado a “pulmão verde” de Lisboa e zona de lazer da população.

“Inicialmente, o Parque era quase totalmente desprovido de arvoredo, exceção feita para as escassas oliveiras distribuídas essencialmente ao longo das antigas estradas e azinhagas, pois apenas as quintas da zona de Benfica (Fonte, Alfaro-beira, dos Marqueses de Fronteira e a atual Mata de S. Domingos de Benfica)

e a Tapada da Ajuda tinham arvoredo com expressão.”⁵

O progresso da industrialização foi progressivamente colocando em questão a ideia de Monsanto enquanto território produtivo.

A reflorestação da Serra de Monsanto foi da responsabilidade da Câmara Municipal de Lisboa. Todo o processo foi longo e penoso, ao qual não foram alheios a pouca diversidade das plantas existentes nos viveiros da época, bem como a pobreza dos solos.

O parque florestal de Monsanto foi idealizado como uma recreação da natureza, através de uma arborização densa.

O arqº Keil do Amaral tinha um entendimento diferente sobre o que poderia ser Monsanto.

i11 Reflorestação de Monsanto pela mocidade portuguesa (1938)



⁴ RIBEIRO, Carlos & DELGADO, Nery *in* Relatório acerca da arborização geral do País. 1868

⁵ <http://www.cm-lisboa.pt/municipio/historia/historial-do-parque-florestal-monsanto>



Panorâmica a partir de Monsanto sobre o rio e a margem sul (1962)

O PARQUE COMO PALIMPSESTO

Ao mesmo tempo que prosseguem as plantações em Monsanto, Keil do Amaral faz uma viagem de investigação pela Europa a parques urbanos de Inglaterra, França, Alemanha e Holanda.

Em Monsanto, Keil do Amaral idealiza uma imagem de bosque selvagem interrompido apenas por percursos essenciais, aproveitando-se das vistas e ambientes que a Serra acidentada oferecia.

Na sua metodologia, foi o Boschplan, em Amesterdão, que mais lhe captou a atenção.

Desde os diversos estudos elaborados por diversas equipas de diferentes especialidades, até à forma como atraía o interesse dos cidadãos, o projecto do *Boschplan* foi muito bem estruturado e programado. Foi feito com uma exaustiva preparação em todos os aspectos, apresentando como resultado final espaços de uma enorme intencionalidade.

Em Portugal não era possível tal detalhe. O projecto estava envolto de polémica, uma vez que envolvia um regime de expropriações inédito em Portugal. Era um contexto bem diferente em que havia muito pouco tempo para a elaboração do projecto. Só em 1938 é que foi contratado o Arqº Francisco Keil do Amaral para projectar o parque, já o prazo estabelecido pela lei criada por Duarte Pacheco tinha expirado.

É à Mocidade Portuguesa que cabe o papel activo de plantar milhares de árvores, juntamente com trabalhadores dos próprios terrenos e alguns prisioneiros do Forte de Monsanto, numa luta contra o tempo, plantando árvores de crescimento rápido.

i13 Ortofotomapa - *Amsterdam Bos*



i14 Fotografias - *Amsterdam Bos*



O PARQUE COMO PALIMPSESTO

Tendo em consideração as características de Monsanto, Keil do Amaral pensa em retomar a tradição lisboeta do miradouro.

Procurando qualificar espaços de permanência, com o decorrer do projecto, opta-se pela criação de um plano que dá uma certa importância ao automóvel, tendo sido proposto ainda uma linha de eléctrico que deambulasse por Monsanto, sem descurar caminhos para o peão.

Esta ideia focada no automóvel traduzia o que actualmente chamamos de *Parkway* - um parque onde a maior parte do tempo é passada atrás do volante, contemplando o que o parque e a natureza têm para nos oferecer. Este plano tinha um percurso automóvel que abrangia Monsanto quase por completo, possibilitando o acesso a diversos pontos de interesse criados pelo arquitecto. Viviam-se uma época áurea em torno do automóvel.

Esses pontos de interesse traduziam-se num miradouro e pavilhão de chá situado em Montes Claros, centro de desportos, parque infantil do Alvito, clube de ténis de Lisboa, parque infantil do alto da Serafina, teatro ao ar livre, pavilhão esplanada, mata de São Domingues de Benfica e diversos miradouros espalhados estrategicamente por Monsanto.

Desta forma, o arquitecto Keil do Amaral deu vida à sua ideia, interpretando o

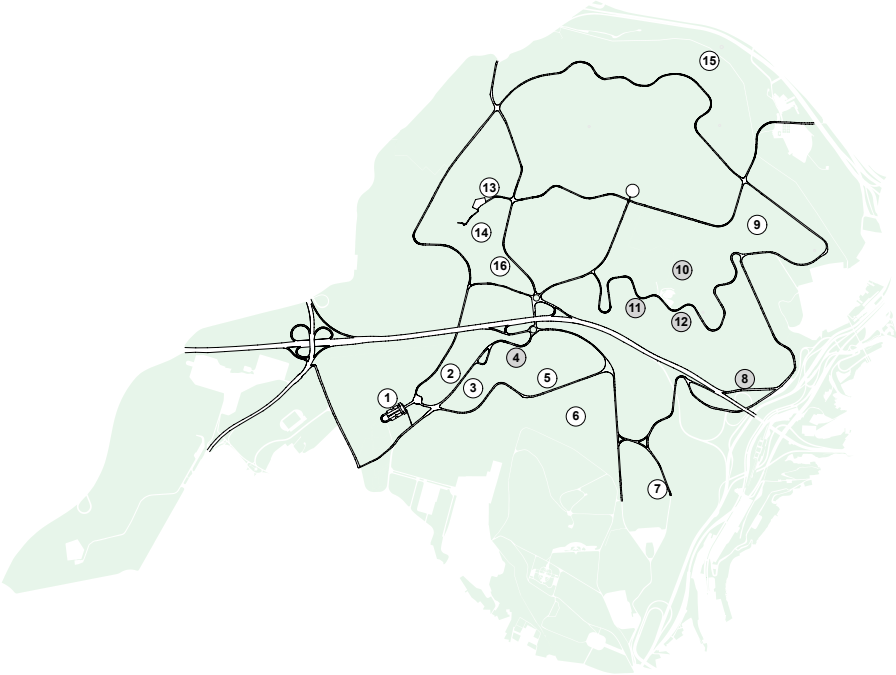
que poderia ser um parque da modernidade, considerando as raízes e antecedentes Lisboaetas.

Definido o ordenamento da Cidade de Lisboa através do plano GROER, foi iniciado o projeto para o Parque Florestal da Cidade da autoria do Arquitecto Keil do Amaral.

O projeto iniciou-se nos anos 40, mas não viria a ser completamente implementado. Os espaços pensados para equipamentos e infraestruturas acabaram por vir a ser ocupados para instalações militares, inviabilizando definitivamente o projeto inicial do Parque.

Plano Keil do Amaral

1- Montes Claros | 2- Abrigo para cavalos | 3- Miradouro (Moinho do Alferes) | 4- Centro de desportos | 5- Miradouros | 6- Parque infantil do Alvito | 7- Clube de ténis de Lisboa | 8- Miradouro da ponte | 9- Parque infantil do Alto da Serafina | 10- Teatro ao ar livre | 11 - Padrão Miradouro 12- Pavilhão esplanada | 13- Miradouro da luneta dos quartéis | 14- Miradouro dos moinhos do Moucho | 15- Mata S.Domingos de Benfica | 16- Depósito de materiais



i15 Parque infantil do Alvito | i16 Parque infantil do alto da Serafina | i17 Montes Claros



O Miradouro do moinho do Alferes, actualmente com campos de basket, proporciona uma das melhores vistas do parque.



Monsanto é um parque miradouro. Um pouco por todo o parque há oportunidades de vistas panorâmicas. Algumas delas invulgares em Lisboa, como a vista sobre a serra de Sintra.

O PARQUE COMO PALIMPSESTO

A reflorestação foi composta por várias fases e durou 11 anos (entre 1938 e 1949). Um processo contínuo, resultando na criação de diferentes layers de plantação ligados a uma grande logística física com o objectivo final de conceber uma vasta diversidade de espécies arbóreas, resultando no parque florestal de Monsanto tal como hoje o conhecemos.

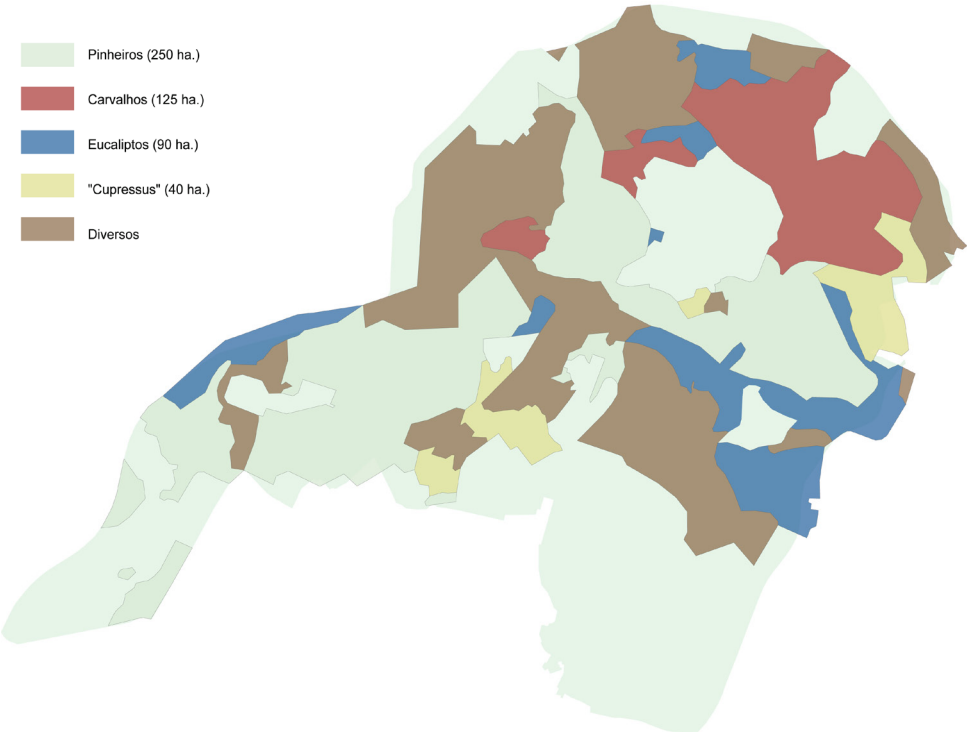
À medida que eram feitas as expropriações de terrenos, os trabalhos de arborização foram avançando, sendo que todas as principais plantações foram de crescimento rápido. Simultaneamente, era construída a auto-estrada em direção a Cascais e outros equipamentos.

Não consta que tenha havido um arquitecto paisagista envolvido no projecto da reflorestação, nem que Keil do Amaral tenha tido força para interferir naquilo que acabou por ser uma plantação sem uma estratégia de paisagem.

Pensar uma plantação de árvores a esta escala, tendo como estratégia apenas criar uma diversidade de árvores é muito redutor. Ao plantar-se árvores, desenham-se também vazios. Os espaços não plantados que se podem assumir como espaços de grande importância num parque. Tal como numa cidade, quando se desenha uma implantação, também se desenha o seu negativo, o seu vazio - o espaço público. Estes espaços vazios,

seja num ambiente de parque ou de cidade podem ser interessantes e fortes, ou não. Em Monsanto não houve esse cuidado. Salvo raras excepções, isso é muito evidente ao longo de todo o parque.

Diagrama - distribuição de árvores em Monsanto



20 Principais espécies arbóreas em Monsanto: Cupressus 40 Ha. | Eucaliptos 90 Ha. | Carvalhos 125 Ha. | Pinheiros 250 Ha.

O PARQUE COMO PALIMPSESTO

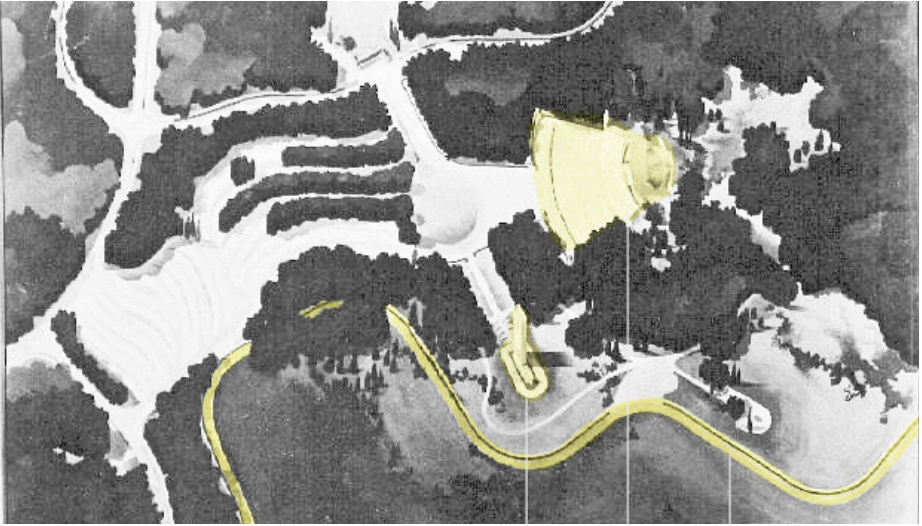
O miradouro faz parte da identidade de Monsanto. Monsanto olha sobre o território que o rodeia e dentro do plano Keil do Amaral desenvolveram-se vários projectos de miradouros.

O Padrão miradouro foi um desses projectos mas que não foi concretizado. Na planta “Teatro ao ar livre” de Keil do Amaral pode-se observar não só o desenho do teatro e do miradouro, como também o desenho de plantação. Nota-se que o arvoredado confere um grau de interioridade e acolhimento ao espaço do teatro, enquanto que a partir do limite da estrada praticamente não existem árvores, possibilitando assim a ideia de *parkway* - caminhos enquadrados com vistas panorâmicas. Observando a situação actual, percebe-se uma enorme diferença em relação à paisagem.

Os percursos que serviriam a ideia de *parkway* estão completamente encobertos por árvores, impossibilitando assim as vistas sobre a cidade.

Também a nível programático, houve nesta zona de Monsanto uma ruptura com as ideias de Keil do Amaral. No lugar do teatro ao ar livre, existe hoje o quartel da força aérea portuguesa.

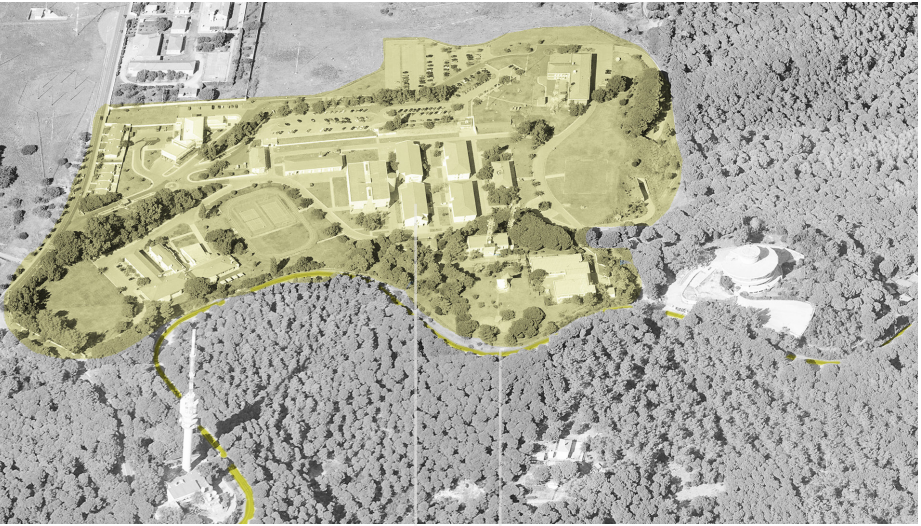
i21 Planta “Teatro ao ar livre”, Keil do Amaral (1944) | i22 Situação actual



Padrão miradouro

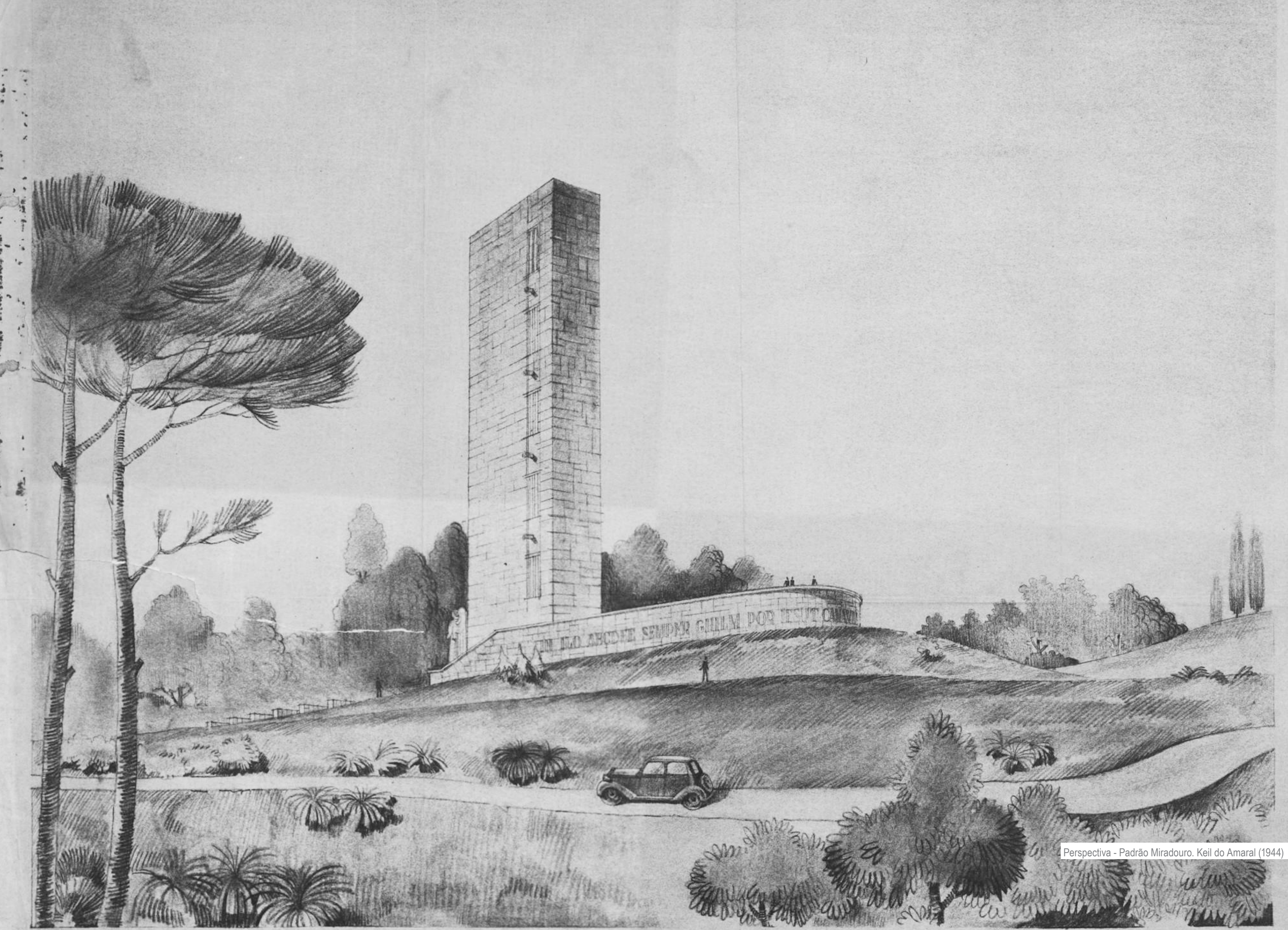
Teatro ao ar livre

Parkway - percursos com vistas sobre a cidade



Quartel da força aérea portuguesa

Percursos herméticos - sem vistas



Perspectiva - Padrão Miradouro. Keil do Amaral (1944)

O PARQUE COMO PALIMPSESTO

O primeiro *parkway* feito no mundo foi concebido por Frederic L. Olmsted e Calvert Vaux em 1886. O *Eastern Parkway* foi idealizado como uma estrada com uma forte intenção de paisagem construída para dar prazer ao acto de condução.

A avenida foi construída a partir de Grand Army Plaza de Ralph Avenue (o limite de Brooklyn) entre 1870 e 1874. Olmsted e Vaux projectaram *Eastern Parkway* como o núcleo do sistema de Brooklyn de um sistema de parque e parkway interligados com a restante área de Nova York. O *Eastern Parkway* instantaneamente ganhou importância nacional quando foi construído na década de 1870. Usando os boulevards de Paris como modelo, o projecto desta avenida acomodaria diferentes tipos de transporte: desde o pedestre, a bicicletas e automóveis que se movimentam sob um rol de árvores. O plano nunca foi totalmente concluído, mas a sua ideia de trazer o campo para a cidade influenciou a construção de grandes parques e vias arborizadas em cidades por todos os E.U.A.

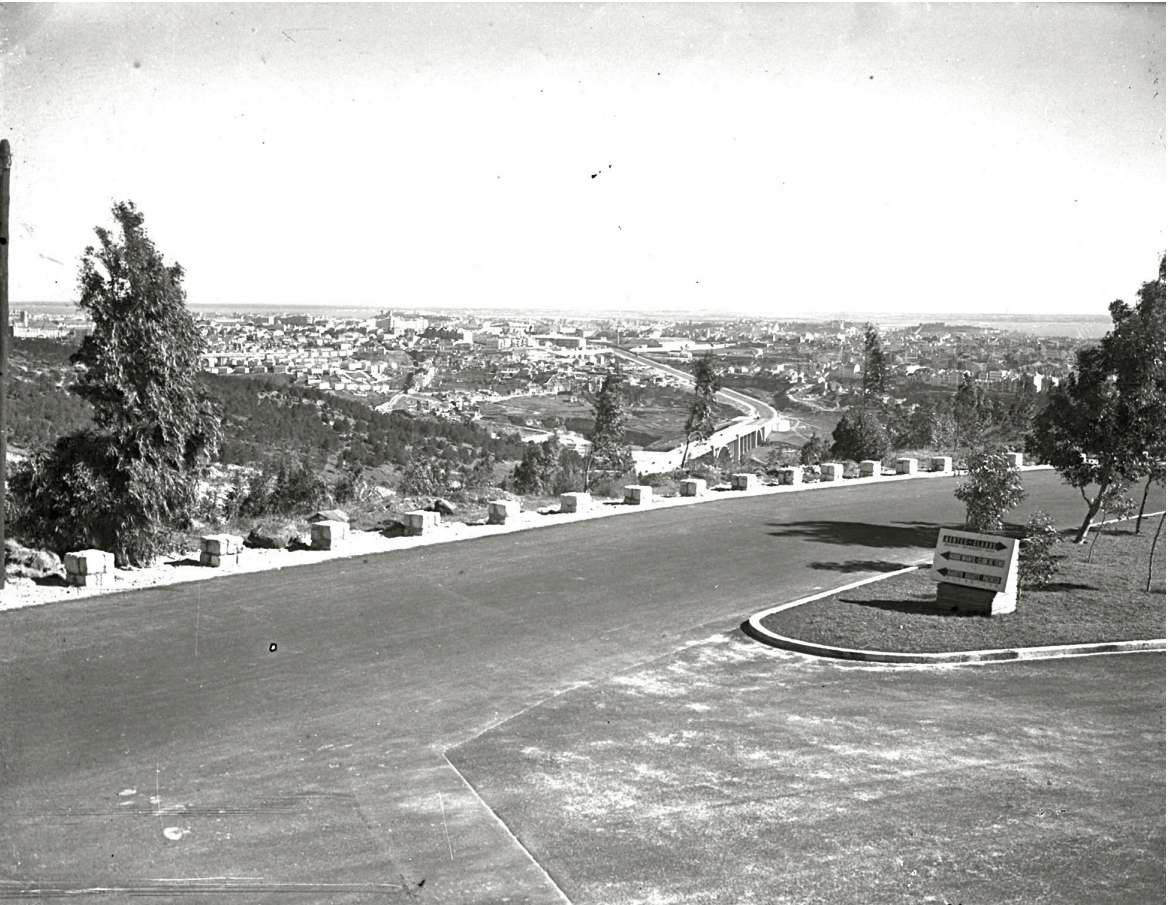
O *Blue Ridge Parkway* é um exemplo de *Parkway* sobre o qual se pode fazer uma analogia a Monsanto, essencialmente beleza cénica que os percursos proporcionam.

Em Monsanto, o plano tinha um percurso automóvel que abrangia quase todo o parque.

No entanto, a intenção cénica do parque não foi levada até ao fim e uma das razões para tal não ter acontecido foi uma falta de sintonização entre o projecto e a acção de reflorestação.

Monsanto, enquanto palimpsesto, revela-nos assim que a sua reflorestação, sem intenção de paisagem, perturbou a estratégia e o plano de plano de Keil do Amaral.

i24 *Blue Ridge Parkway*



i25 fotografia a partir da estrada do Alvito (1952) | i26 fotografia a partir da estrada do Alvito (2014)

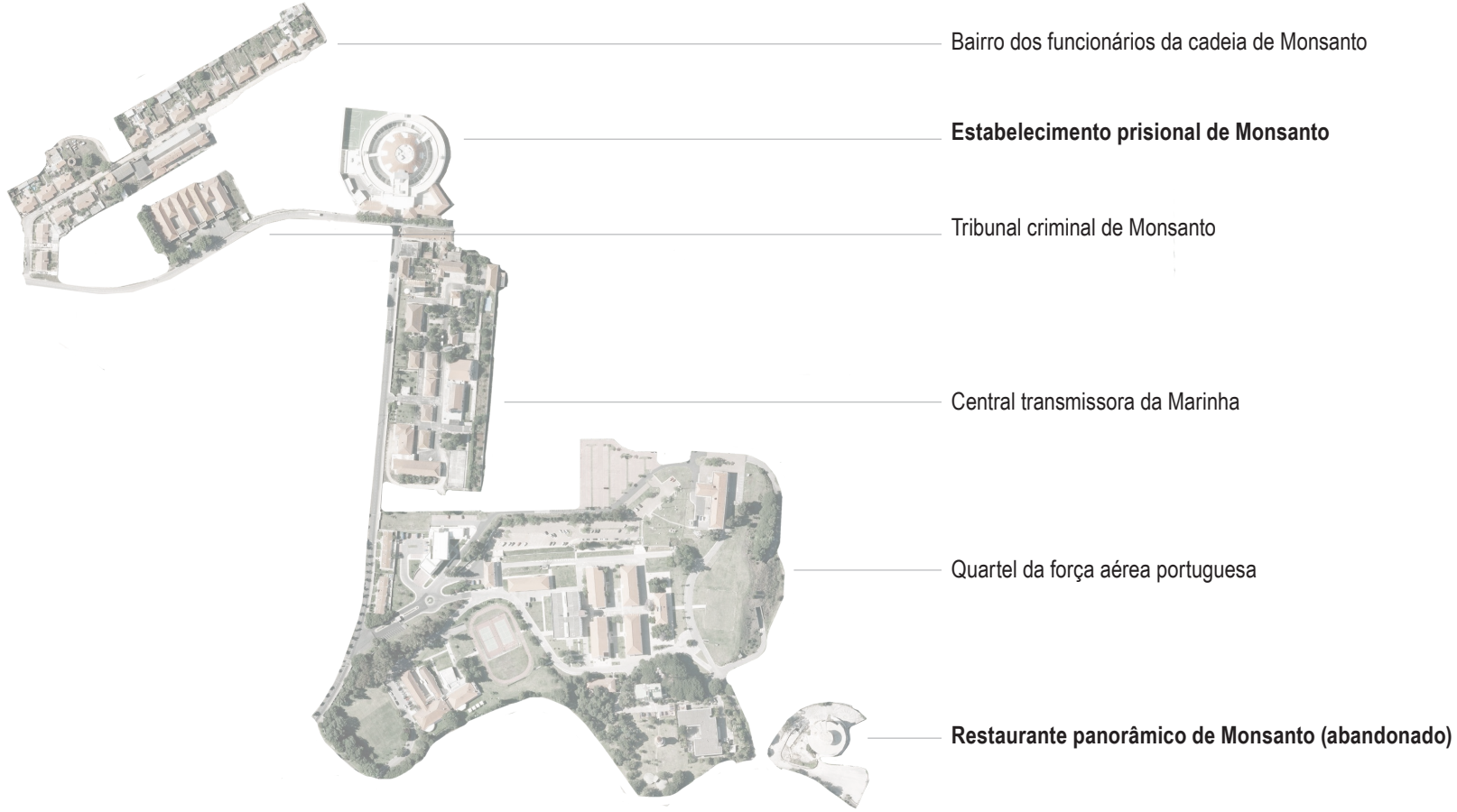


O PARQUE COMO PALIMPSESTO

O centro de Monsanto, completamente descaracterizado é outra razão pela qual o parque não funciona na sua plenitude.

Quando a dinâmica de expropriações imposta pelo Eng.º Duarte Pacheco foi gradualmente perdendo o ritmo, houve uma viragem política e o parque passou a ser olhado como urbanizável, tendo sido aprovadas diversas instalações (essencialmente militares, hoteleiras e universitárias). Após a realização das obras enquadradas no plano de Keil do Amaral terem sido feitas, surgiram muitas outras levando ao desespero de quem lutava por manter os limites definidos pelo plano Gröer que não estavam ainda legalmente estabelecidos. Foram assim construídos equipamentos que não estavam inseridos no plano Keil do Amaral. Tais como, o centro emissor da RTP, o Quartel da Força Aérea, o Bairro da GNR e o Clube Português de Tiro.

Equipamentos no centro de Monsanto



PAISAGEM PERCEPTIVA

“No processo de orientação, o elo estratégico é a imagem do meio ambiente, a imagem mental generalizada do mundo exterior que o indivíduo retém. Esta imagem é o produto da percepção imediata e da memória da experiência passada e ela está habituada a interpretar informações e a comandar acções. A necessidade de conhecer e estruturar o nosso meio ambiente é tão importante e tão enraizada no passado que esta imagem tem uma grande relevância prática e emocional no indivíduo.”⁶

No seu ensaio “Legibilidade e Resiliência”, John Beardsley enuncia o seu ponto de vista sobre o que há de essencial na concepção de parques contemporâneos. Nas suas dinâmicas urbanas, aqueles que surgem a partir de cidades industriais do séc XIX ou os mais recentes, estejam no centro ou na periferia da cidade e verificou que os grandes parques podem ter papéis ecológicos, sociais e significantes na cidade contemporânea e que acima de tudo, estes sistemas, como muitos dos grandes parques de sucesso do passado, compartilham duas características essenciais: legibilidade e resiliência. Ou seja, as suas intenções, organizações e imagens devem ser entendidas, e devem ter a capacidade de

causar uma experiência marcante. Monsanto é um exemplo de legibilidade difícil. As estradas e o facto de estar tão densamente arborizado, perturba aquilo que deve ser um percurso natural de parque e de boa legibilidade. Num processo de orientação, o elo estratégico para o ser humano é a imagem do meio ambiente, a imagem mental gerada pelo mundo exterior que o indivíduo retém. Esta imagem é o produto da percepção imediata e da memória da experiência passada. O processo de orientação numa cidade passa necessariamente por uma geografia mental de espaços públicos, ou seja, o indivíduo cria mentalmente um mapa de vazios (praças e largos) que servem como pontos de orientação, muitas vezes sequenciais na sua percepção da cidade. Em relação aos parques, essa função pode ser assumida pelos espaços-clareira que podem estruturar uma geografia mental do parque.

6 LYNCH, Kevin. “A Imagem da Cidade”, 1960, p.12



Planta de Lisboa - Sequência de espaços estruturantes

PAISAGEM PERCEPTIVA

A estrutura espacial de um parque é essencialmente composta por três tipolo-
gias: o espaço-mata, a orla e o espaço-clareira. Dito de outra forma, o cheio, o
limite e o vazio.

Na cidade falamos de construído e não-construído. De edifícios que compõem
os limites de uma praça ou de um largo que se afirmam como vazios repletos de
significado. Num parque são as clareiras que ganham esse significado e simbo-
logia de espaço reconhecível, gerador de memória e de paisagem.

“Referindo-nos à paisagem, a identidade pode ser en-
tendida como: A unidade da sua substância constituinte
enquanto espaço, isto é, a matéria tectónica e espacial
cujo significado e valor simbólico contém uma unidade,
reconhecível por um conjunto de indivíduos que a experi-
mentam enquanto atributo exclusivo.”⁷

O atributo exclusivo em Monsanto, gerador de uma identidade, é o miradouro.
Um parque miradouro que deve ser potenciado enquanto tal.

Para que tal seja uma realidade há que alterar a sua estrutura tipológica e a sua
paisagem perceptiva.Tal como foi demonstrado anteriormente na comparação

⁷ GOMES DA SILVA, João. Conferência: "Lisboa a espessura do tempo 3 - Paisagem como con-
strução cultural"

Tipologia de parque: Espaço-mata, Orla e Espaço-clareira



O parque do Calhau é dos poucos espaços-clareira
em Monsanto que convidam à permanência



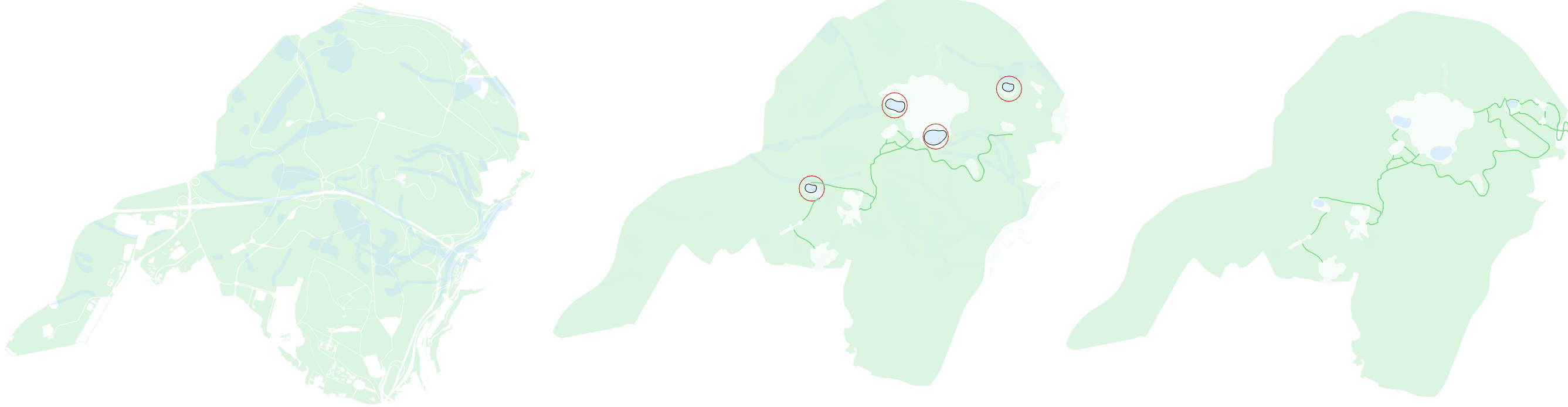
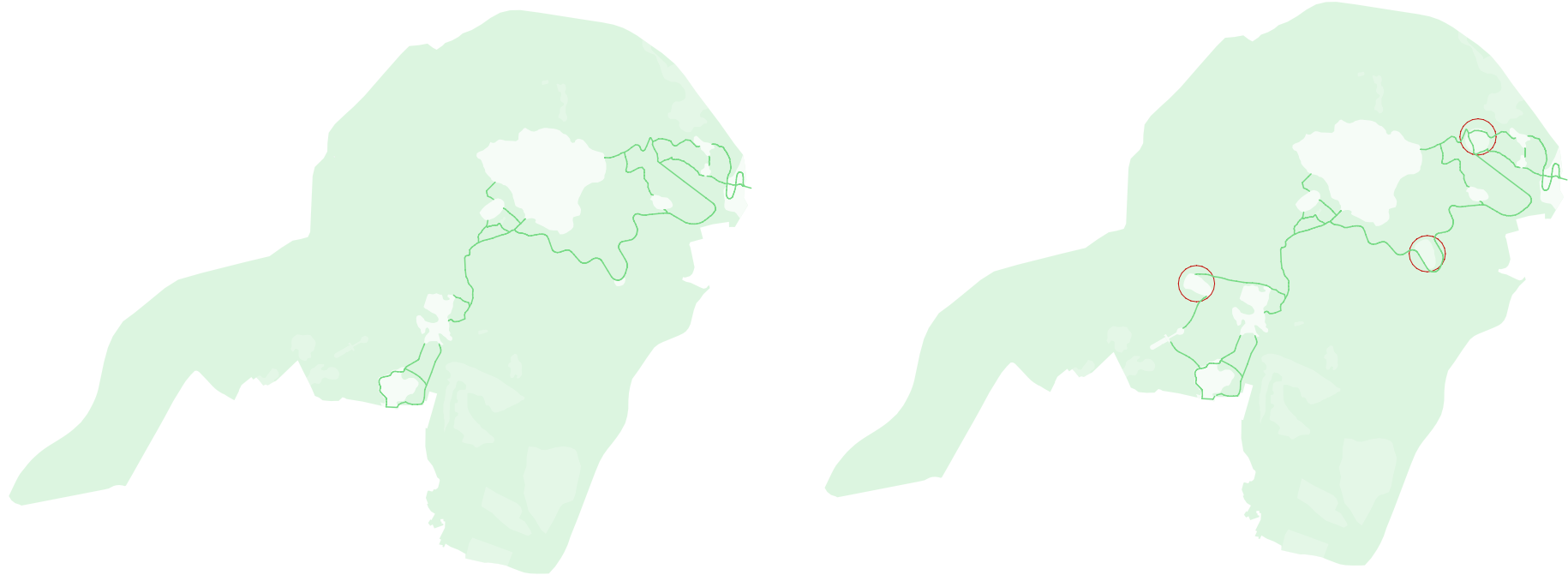
PAISAGEM PERCEPTIVA

tipológica com o *Central Park*, Monsanto tem poucos espaços-clareira, além de não ter uma presença de água apropriada à sua escala (existem apenas pequenos espelhos de água).

O capítulo que fala de Monsanto enquanto palimpsesto, revela também que a reforestação de Monsanto não seguiu uma estratégia de paisagem e essa acção conduziu àquilo que podemos considerar, enquanto todo, um parque hermético. O projecto agarra uma sequência de clareiras enquanto estrutura espacial que atravessa o parque entre dois pontos: o Alto da Ajuda e Sete Rios. Pontos de acesso pedonal qualificados, os quais serão mais à frente inseridos numa estratégia mais geral de escala urbana.

A partir desta estrutura, propõe-se a adição de novas clareiras e lagos para Monsanto, conferindo-lhe uma nova paisagem perceptiva. O seu desenho surge de uma análise topográfica e ecológica - tendo como estratégia a promoção de um grande parque miradouro.

Estrutura de clareiras existente | Adição de três novas clareiras



Susceptibilidade a inundações | Adição de 4 lagos | Nova estrutura espacial: Clareiras+água

PAISAGEM PERCEPTIVA

“O modo tectónico de construir a paisagem é baseado nos processos de construção física enquanto natureza alterada, das quais fazem parte a transformação topográfica, a construção das diversas formas de presença da água, a localização e distribuição da edificação de paisagem, a construção dos seus espaços públicos.”⁸

Nesta passagem do Arqº paisagista João Gomes da Silva, pode-se resumir o essencial da intervenção. Não só através presença de água, mas também na edificação de paisagem. Neste caso, a subtração de árvores é vista como uma solução apropriada a um parque excessivamente “edificado”. Criando assim novos espaços públicos. Novos espaços de permanência, que toda a análise anterior revelou como necessários para que o parque seja mais apelativo e usufruído.

A presença de água vai também enriquecer a fauna e flora de Monsanto, beneficiando toda a ecologia do parque. A água deve ser algo de intrínseco a um grande parque. Isso é algo bastante evidente numa lógica comparativa com outros grandes parques. De todos os 30 exemplos dados no gráfico “Comparação de escalas”, apenas Monsanto e outro parque não têm presença de água. Esse

outro exemplo é o *Landcschapspark* em Duisburgo, mas a sua ausência de água é justificada porque a ideia deste parque surge da intenção de revelar o passado industrial deste sítio. E sendo o carácter industrial a sua matriz, compreende-se que a água não se insira na sua identidade.

O caso de Monsanto é obviamente diferente - trata-se de um parque florestal. A distribuição dos lagos é inserida também na estratégia de ênfase nos pontos de miradouro.

A contemplação de Lisboa, Tejo e margem Sul a partir de um espaço-clareira com água em Monsanto é uma hipótese forte de paisagem enquanto construção cultural. Enquanto elemento de memória colectiva.

⁸ GOMES DA SILVA, João. Conferência: “Lisboa a espessura do tempo 3 - Paisagem como construção cultural”





A questão da escala não deve ser vista como um problema, mas como uma oportunidade para desenvolver um projecto também à escala urbana.

ANÁLISE URBANA

Para enquadrar uma estratégia urbana e perceber de que forma se pode operar a partir da cidade para o parque florestal de Monsanto, é pertinente fazer uma análise prévia sobre o parque e a sua relação com a cidade, nomeadamente a sua envolvente mais próxima.

Uma das principais razões do pouco uso de Monsanto pelos Lisboetas deve-se à existência de fortes barreiras existentes entre o parque e o tecido urbano que o envolve.

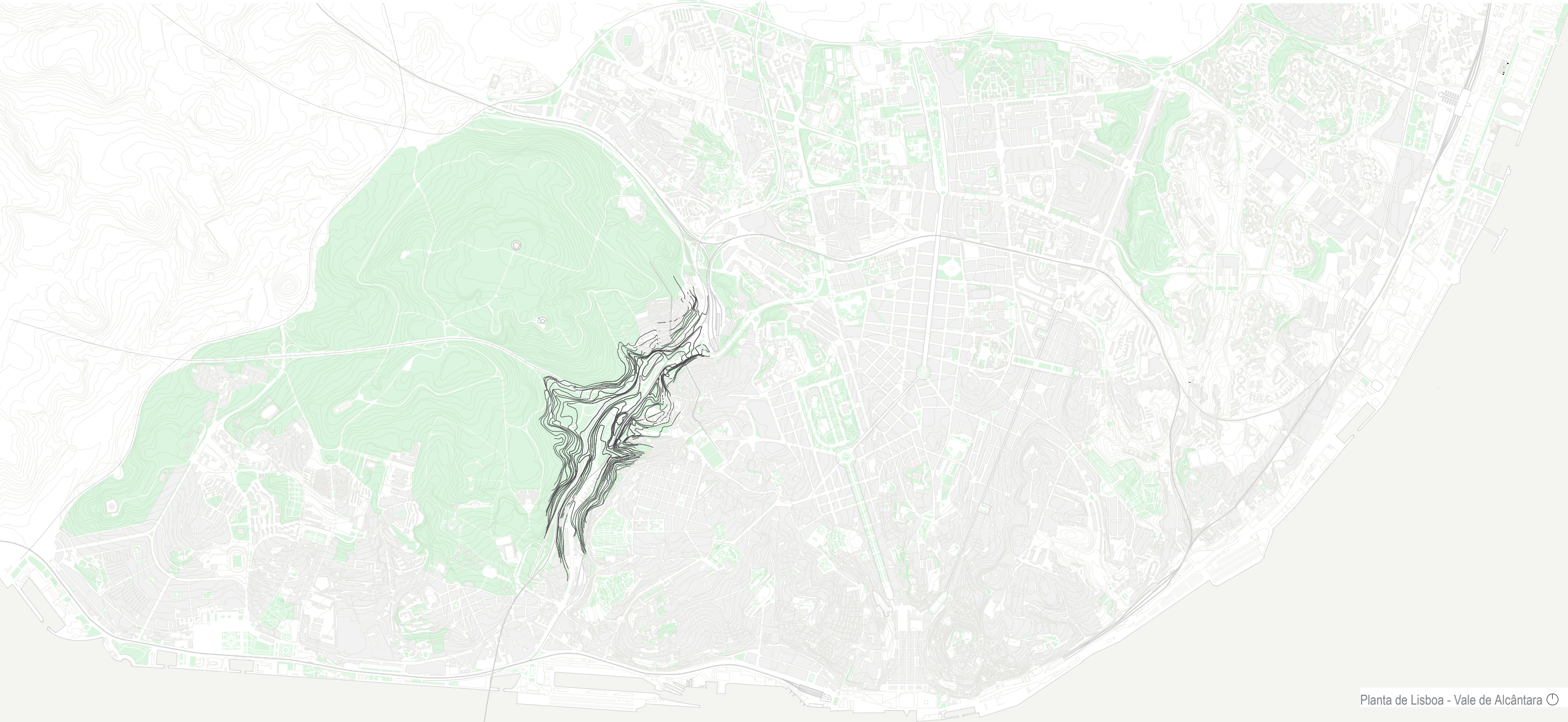
Desde logo o vale de Alcântara, que claramente se assume como uma barreira topográfica entre Monsanto e os bairros de Alcântara, Campolide e Campo de Ourique. A questão topográfica é mesmo uma constante ao longo de qualquer acesso ao parque uma vez que Monsanto é uma serra.

De toda essa barreira topográfica, destaca-se o vale de Alcântara, por ser nesta orientação onde se situa porventura uma melhor oportunidade de ligação a Lisboa.

O Aqueduto das águas livres, em direção às amoreiras, assume um grande destaque sobre o vale. De Monsanto para as Amoreiras também se destaca o viaduto Duarte Pacheco, essencial para a viabilidade do projecto da A5.

O vale foi vencido por ações humanas mais que uma vez, mas o parque de Monsanto nunca foi o motivo de tais projectos.

i31 fotografia sobre o vale de Alcântara



Planta de Lisboa - Vale de Alcântara

ANÁLISE URBANA

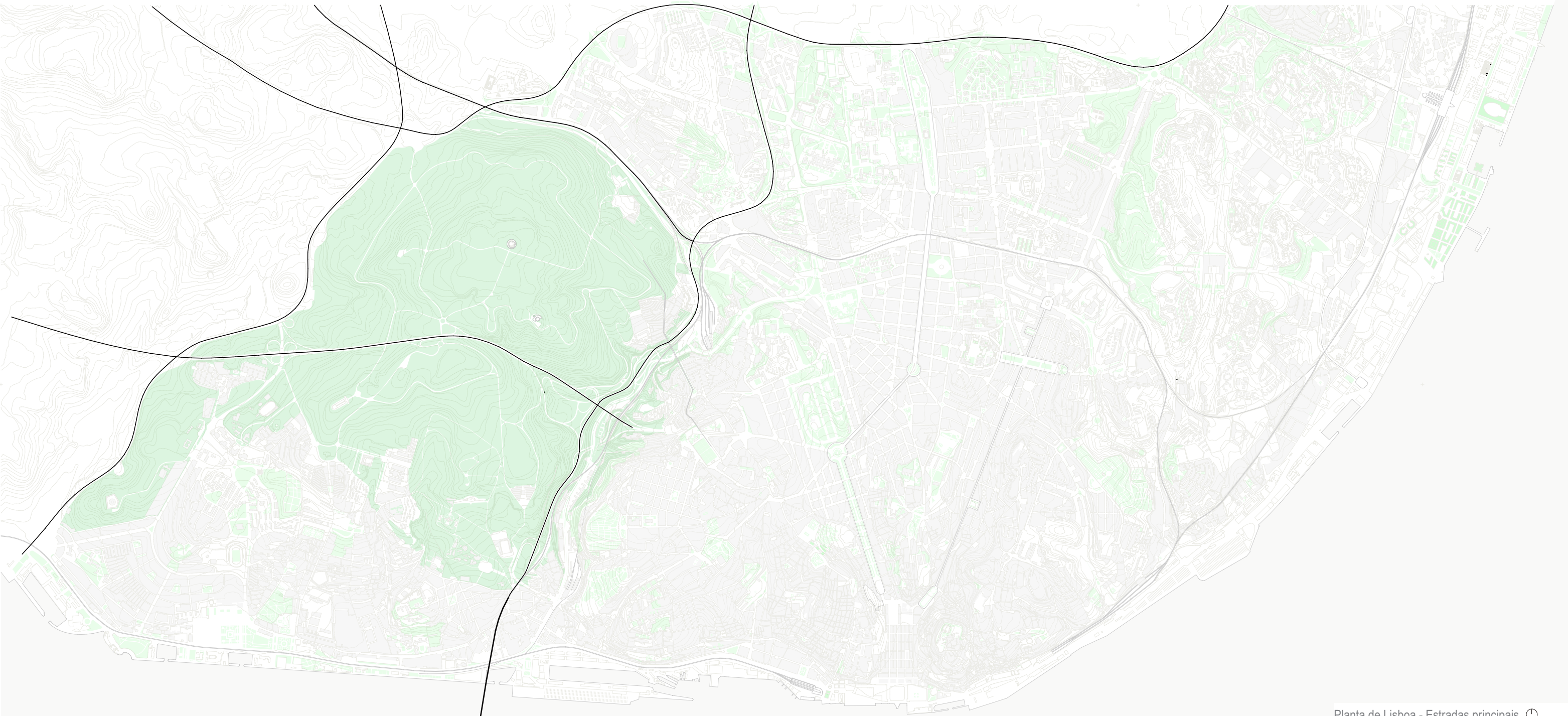
Na sua obra, “A imagem da cidade e seus elementos”, Kevin Lynch aponta cinco elementos para uma legibilidade e análise de qualquer ambiente urbano: as vias, os limites, os bairros, os cruzamentos e os ícones (edifícios marcantes). Esta categorização urbana é útil para uma análise e operação de escala urbana.

As vias são vistas como canais nos quais nos movemos com maior ou menor frequência, criando assim fluxos. Os exemplos são evidentes: ruas, linhas de comboio, estradas, ciclovias, etc.

As vias que passam por Monsanto ou nos seus limites, estão repletas de razões sob o ponto de vista urbanístico. Mas o que acontece é que essas vias, criam ou reforçam limites que se tornam cada vez mais intransponíveis.

As estradas e linhas de comboio que delimitam Monsanto são vias do ponto de vista de quem vem de Sintra, Cascais ou da margem Sul, mas do ponto de vista do parque de Monsanto são na verdade barreiras que criam limites.

i32 fotografia da A5 (auto-estrada)



ANÁLISE URBANA

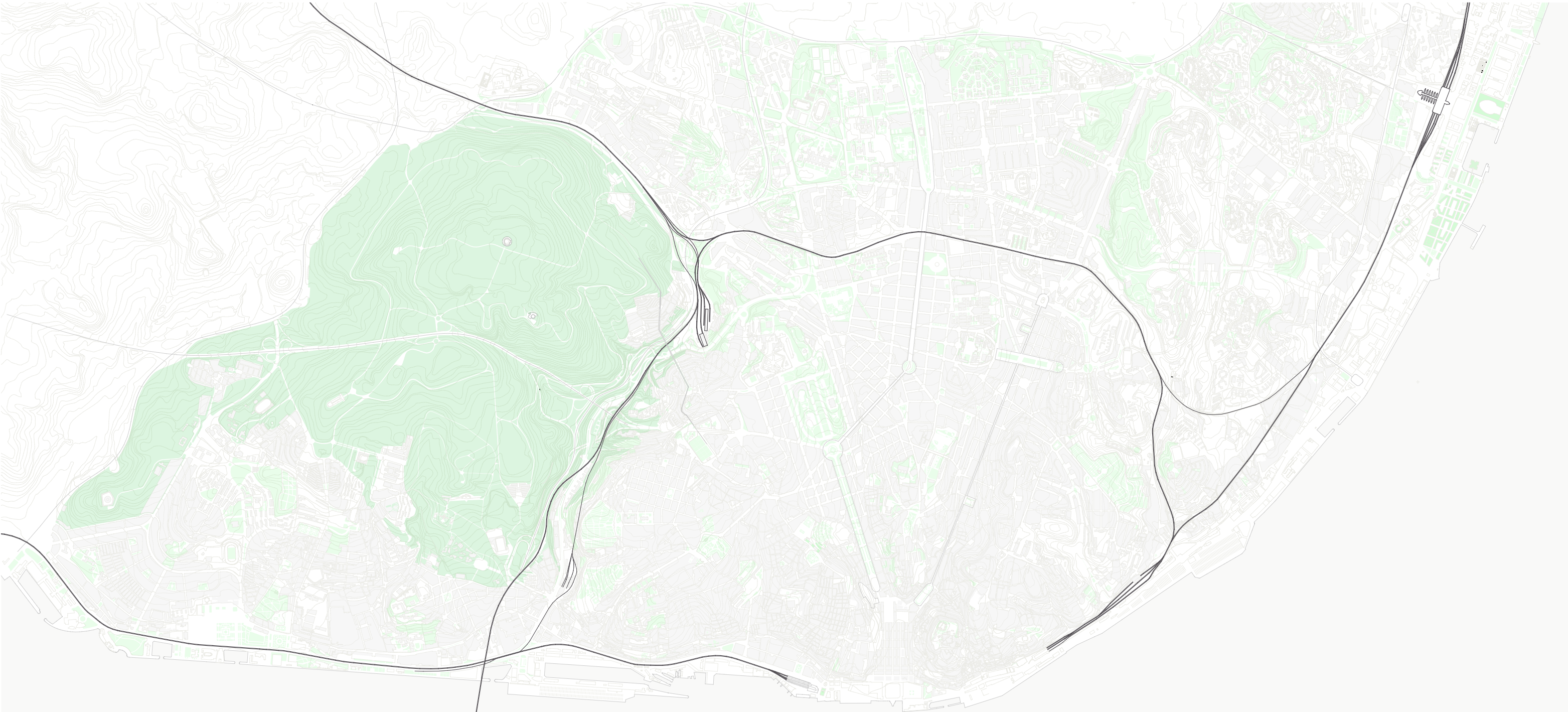
A CRIL que separa Monsanto de Oeiras e Amadora, a Avenida General Correia Barreto que na continuação da segunda circular separa Monsanto de Benfica e, por fim, o eixo Norte-Sul que passa por Sete Rios e segue até ao início da Avenida da Ponte e que reforça a barreira do vale de Alcântara - todas estas estradas, pela sua dimensão dificultam e perturbam o uso do parque, que conceptualmente está nos antípodas do frenesim destes fluxos urbanos.

Há ainda outra estrada a destacar que corta violentamente Monsanto: a A5 que não se tratando de um limite, é no entanto, uma barreira interior para o funcionamento do parque.

Há ainda as linhas de comboio provenientes de Sintra e da Margem Sul que se assumem também como barreiras entre o parque e a sua envolvente urbana.

Todas estas barreiras são fracamente combatidas através de algumas passagens pedonais desinteressantes e claramente em número insuficiente.

i33 fotografia - linha de comboio sul



CORREDOR VERDE

Na análise realizada a Monsanto na sua relação com a cidade de Lisboa, o plano do corredor verde do Arqº paisagista Gonçalo Ribeiro Teles surge como uma oportunidade de trabalho.

O corredor verde é hoje um dos pontos que liga a malha urbana de Lisboa a Monsanto. Esse ponto de ligação dá-se em Sete Rios. O corredor verde faz a ligação entre a Praça dos Restauradores e o Parque florestal de Monsanto para peões e ciclistas, por meio de um corredor contínuo de vegetação que se estende pela Avenida da Liberdade, Parque Eduardo VII, Jardim Amália Rodrigues, relvados do Palácio da Justiça de Lisboa, parque Ventura Terra, Universidade Nova de Lisboa e Quinta José Pinto. O corredor tem uma extensão de 2,5 quilómetros ligando assim Monsanto a outros 61 hectares de espaços verdes.

O projecto propõe o seu prolongamento por toda a frente ribeirinha até Belém e de Belém até Monsanto.

Monsanto carece de acessos alternativos ao automóvel e o corredor verde revela-se como uma dessas poucas possibilidades.

Corredor verde: existente + proposto



- Existente :
- Monsanto
 - Quinta do Zé Pinto
 - Jardim Amália Rodrigues
 - Parque Eduardo VII
 - Gulbenkian
 - Jardim Arco do Cego
 - Parque da Bela Vista
 - Parque Vale do Silêncio

- Proposto :
- Frente ribeirinha
 - Jardim Vasco da Gama
 - Jardim do Ultramar
 - Jardim Botânico da Ajuda



O corredor verde é dos poucos acesso qualificados a Monsanto alternativos ao automóvel.

CORREDOR VERDE

Esta possibilidade enquadra-se na sequência de clareiras, miradouros e lagos já trabalhada no capítulo anterior, integrando da melhor forma esse sistema na cidade de Lisboa.

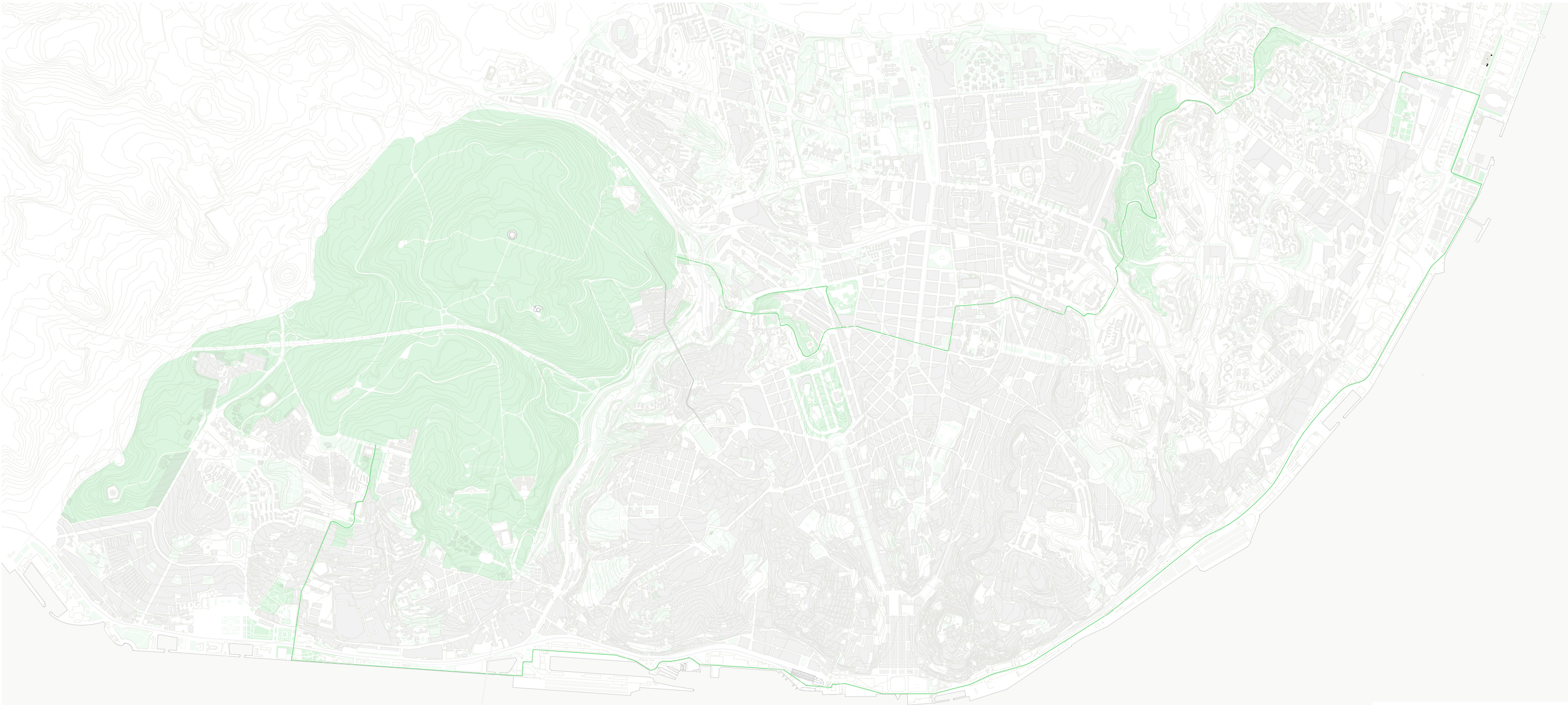
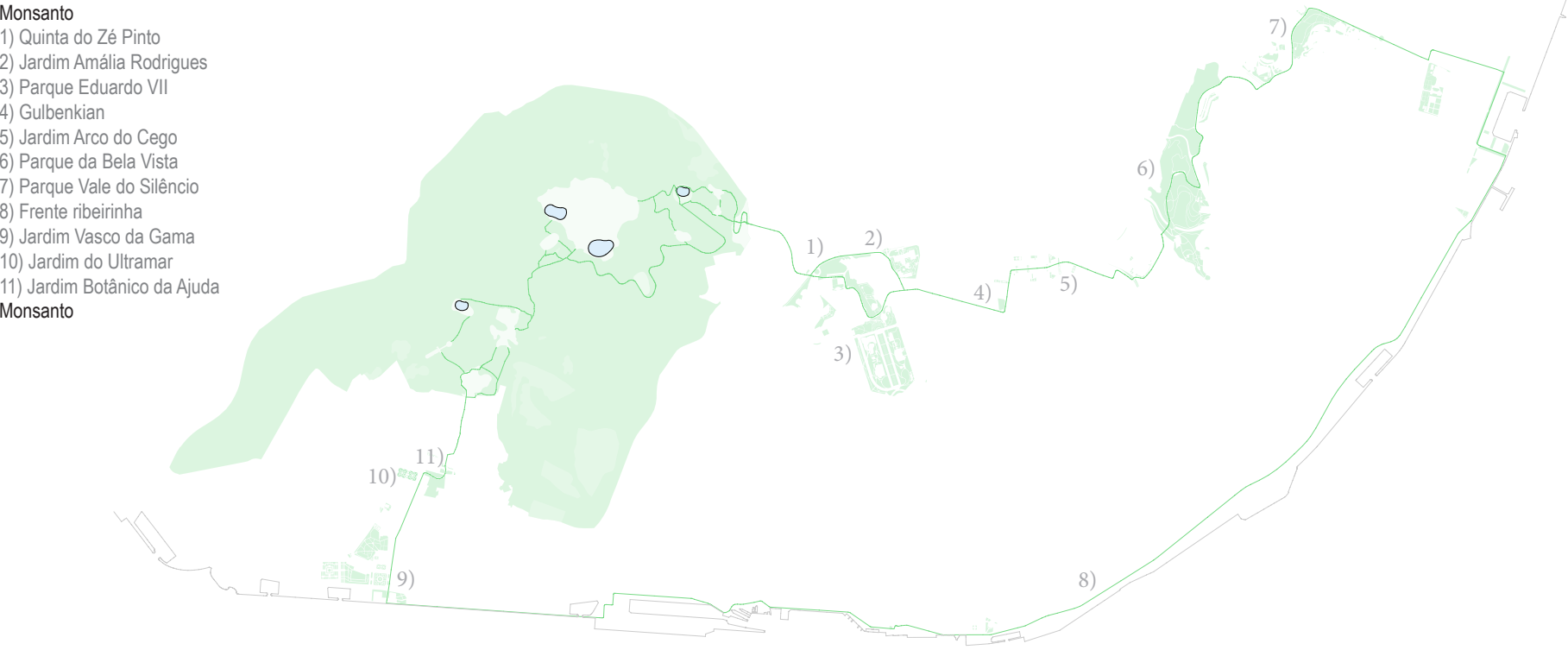
Passando por outros espaços verdes, como o Jardim Botânico da Ajuda, o prolongamento do corredor verde cria um novo “anel” em Lisboa que atravessa o espaço verde de Monsanto entre o alto da Ajuda e Sete Rios.

É destacada a importância de espaços verdes, da sua ecologia inserida na cidade e não somente como elemento de oposição ao lado urbano.

Monsanto reforça o seu papel de grande parque florestal.

Entendendo o corredor verde como um primeiro gesto de aproximação de Lisboa a Monsanto, há que procurar também outras formas eficientes de comutação entre a cidade e o parque.

Corredor verde: existente + proposto



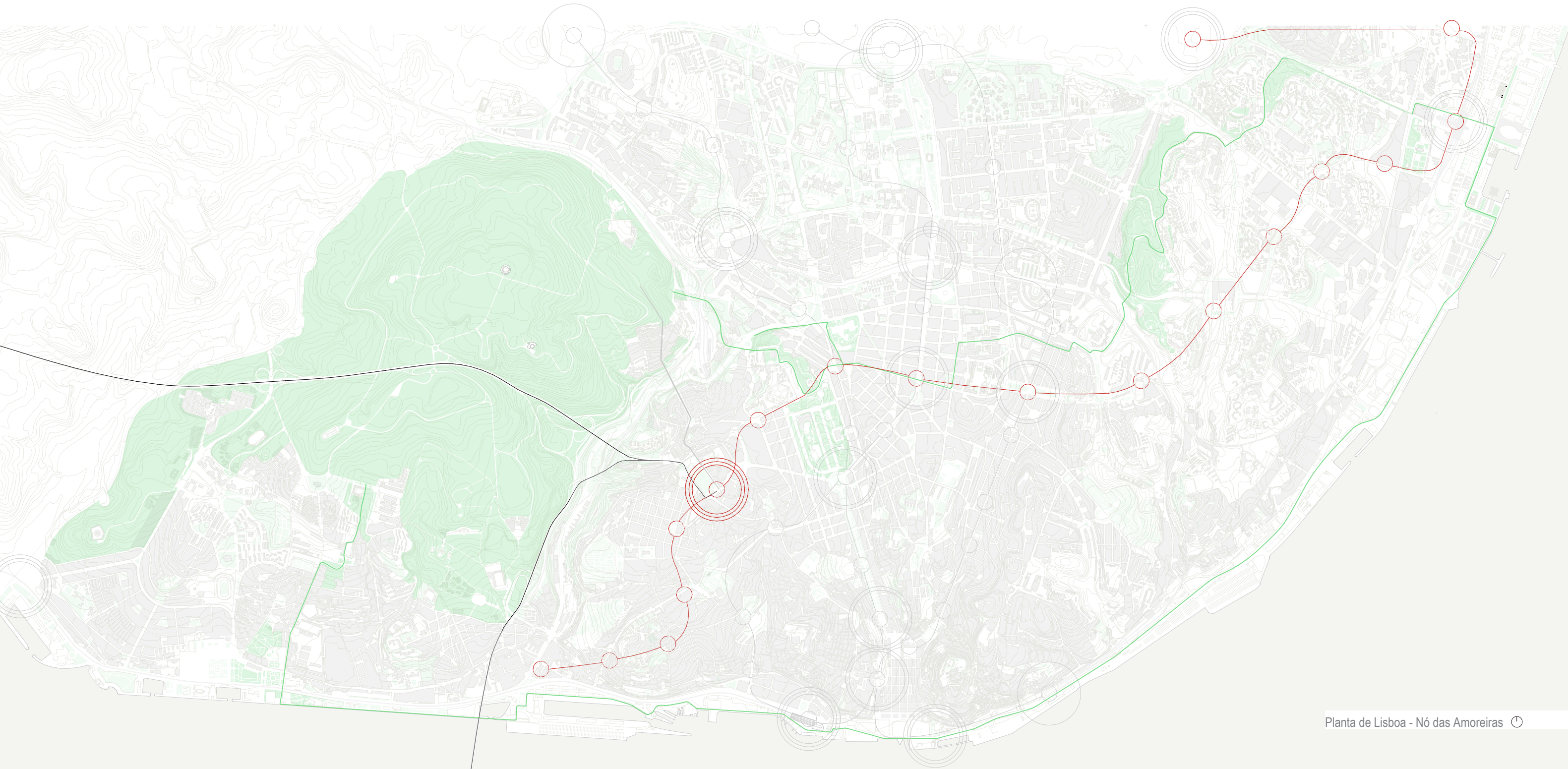
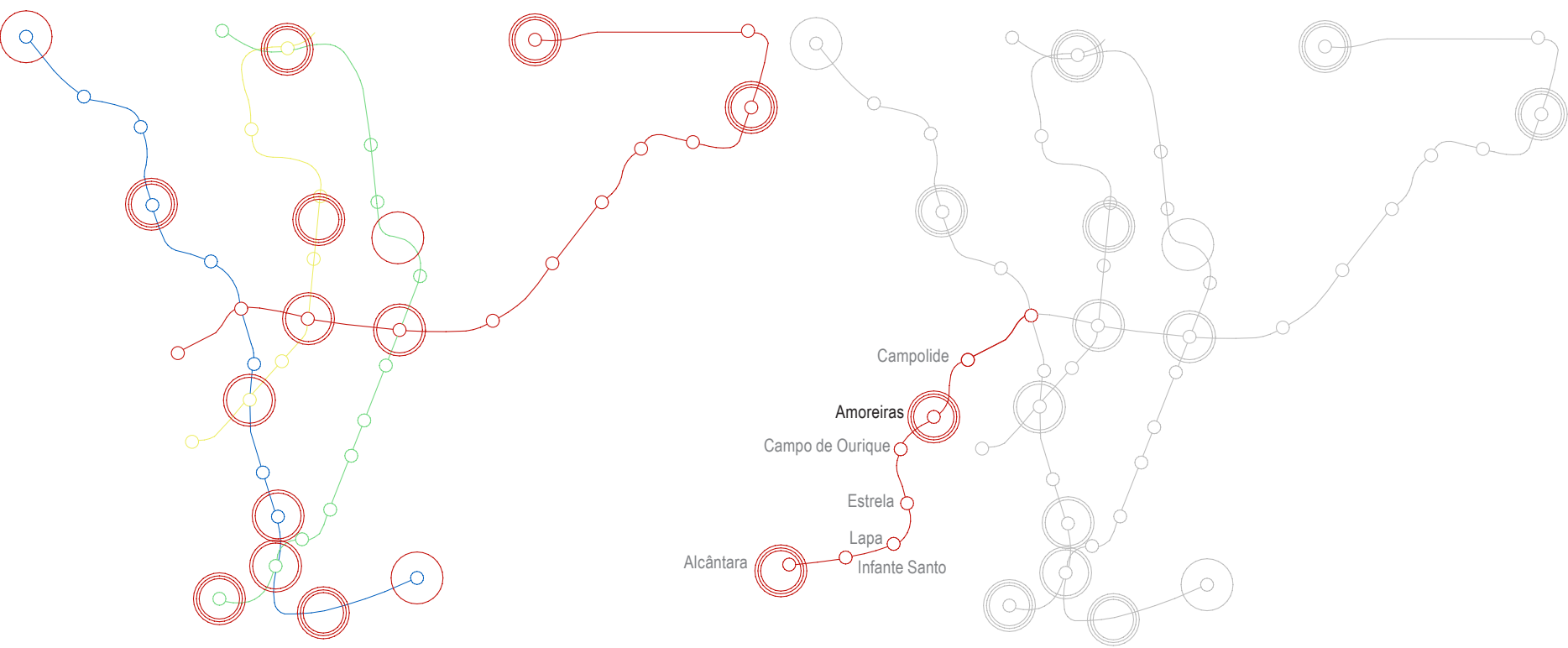
MOBILIDADE

Analise-se o sistema de transportes de Lisboa e de que forma esse sistema se relaciona, ou não, com Monsanto. Esta análise dá sobretudo ênfase ao sistema de metro - visto como o principal sistema de mobilidade em Lisboa. Outro elemento destacado por Kevin Lynch, no seu pensamento sobre a cidade, são os nós ou cruzamentos. Concentrações que se revestem de especial importância no funcionamento da cidade.

São destacados estes nós de mobilidade, consoante a sua importância numa soma de vias e transportes: metro, auto-carro, comboio ou barco.

Desta forma, entendem-se os pontos mais fortes de mobilidade em Lisboa. O projecto assume a extensão da linha vermelha, prevista para 2016, como uma realidade e daí surgem dois novos nós: Amoreiras e Alcântara. O nó das Amoreiras representa uma oportunidade de trabalhar a relação entre Monsanto e a Lisboa urbana. Desde logo por ser um ponto de entrada em Lisboa não só para quem vem da margem sul como também da A5. Além de já ter um vasto conjunto de transportes públicos, podemos somar a futura estação de metro nas Amoreiras. Essa linha cruza todas as outras, reforçando assim o potencial de interface das Amoreiras.

Sistema de metro actual e projecto de expansão da linha vermelha (2016)



TELEFÉRICO

As Amoreiras são uma oportunidade de ligação a Monsanto. Uma oportunidade de comunicação entre o parque e toda a cidade.

O projecto propõe a criação de um teleférico: Amoreiras - Restaurante Panorâmico - Forte de Monsanto (transformado em Centro de experimentação teatral).

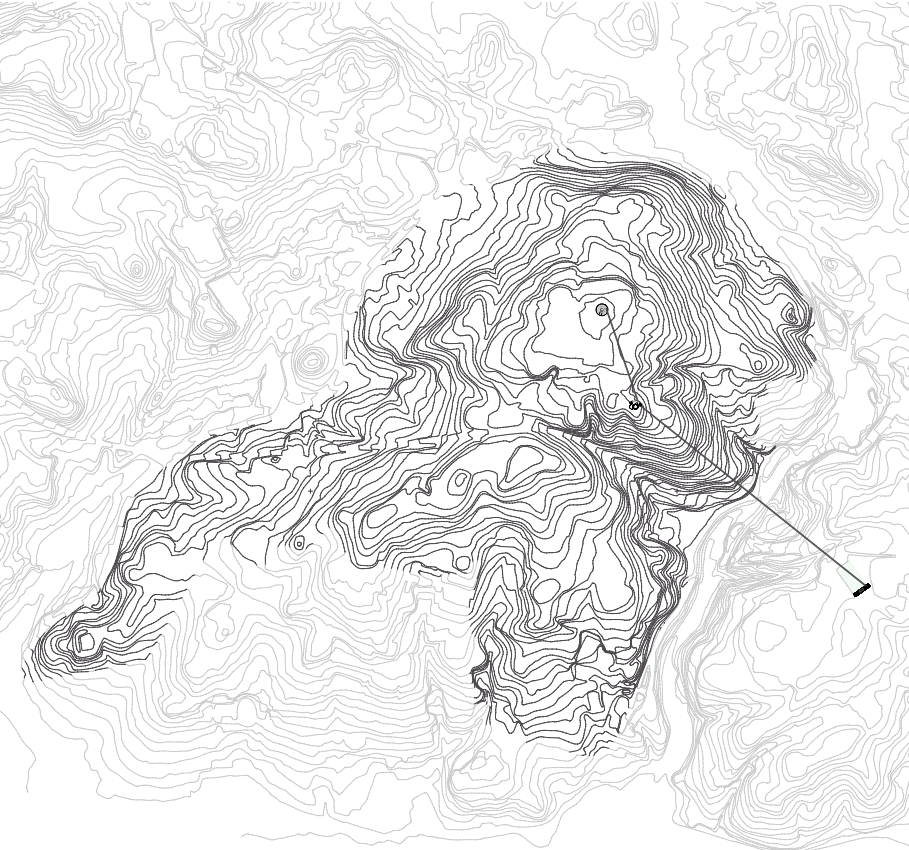
O projecto vence assim de forma mecânica todo o vale de Alcântara e outras barreiras já referidas, permitindo um acesso eficaz e alternativo ao automóvel, ao parque florestal de Monsanto.

À semelhança de outros projectos de teleférico, este liga um espaço urbano a um espaço verde. Caracas, Barcelona, Madrid entre outros, são exemplos de sucesso no uso deste meio de transporte como sistema de comutação urbana.

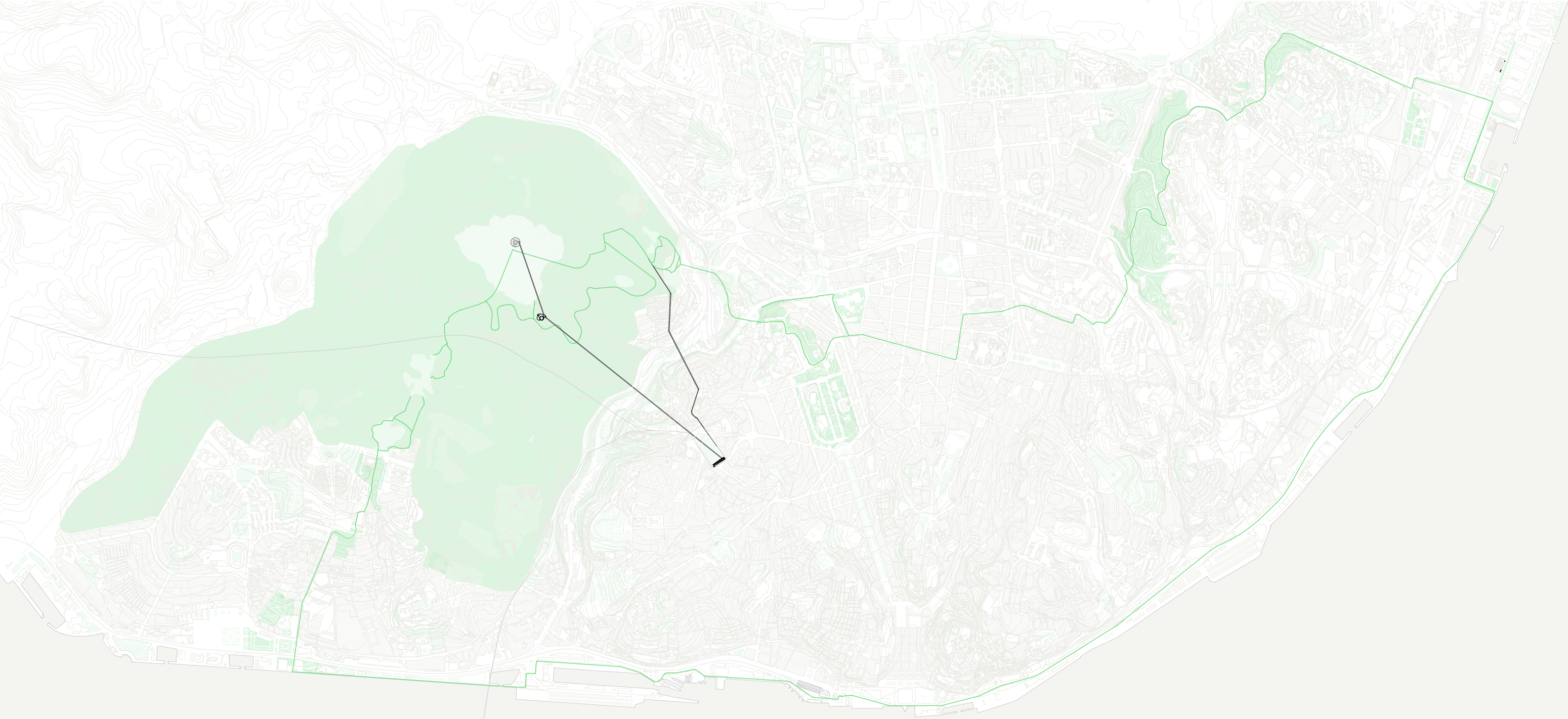
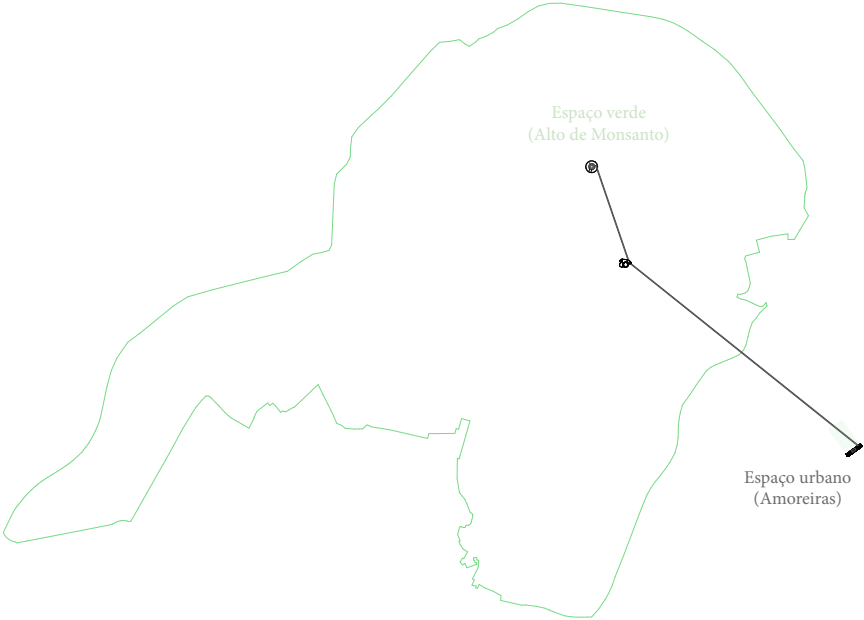
Com uma distância total de 2.200 metros, o teleférico pretende actuar directamente ao “coração” de Monsanto, alterando o seu carácter militar actual - Democratizando-o.

O facto do projecto partir do reservatório das Amoreiras é visto como uma oportunidade para repensar este espaço urbano expectante.

Planta topográfica e esquemática: Teleférico Amoreiras - Alto de Monsanto



Distância total: 2.200m
Velocidade: 6m/s
Tempo previsto de viagem: 8/9 mins



RESERVATÓRIO DAS AMOREIRAS

O trabalho questiona o reservatório das águas livres, um espaço urbano, com várias condicionantes mas com um grande potencial. Desde logo salta a vista o facto de ser um vazio intransponível entre Campo de Ourique e Campolide. Dois bairros próximos fisicamente mas distantes na sua comunicação.

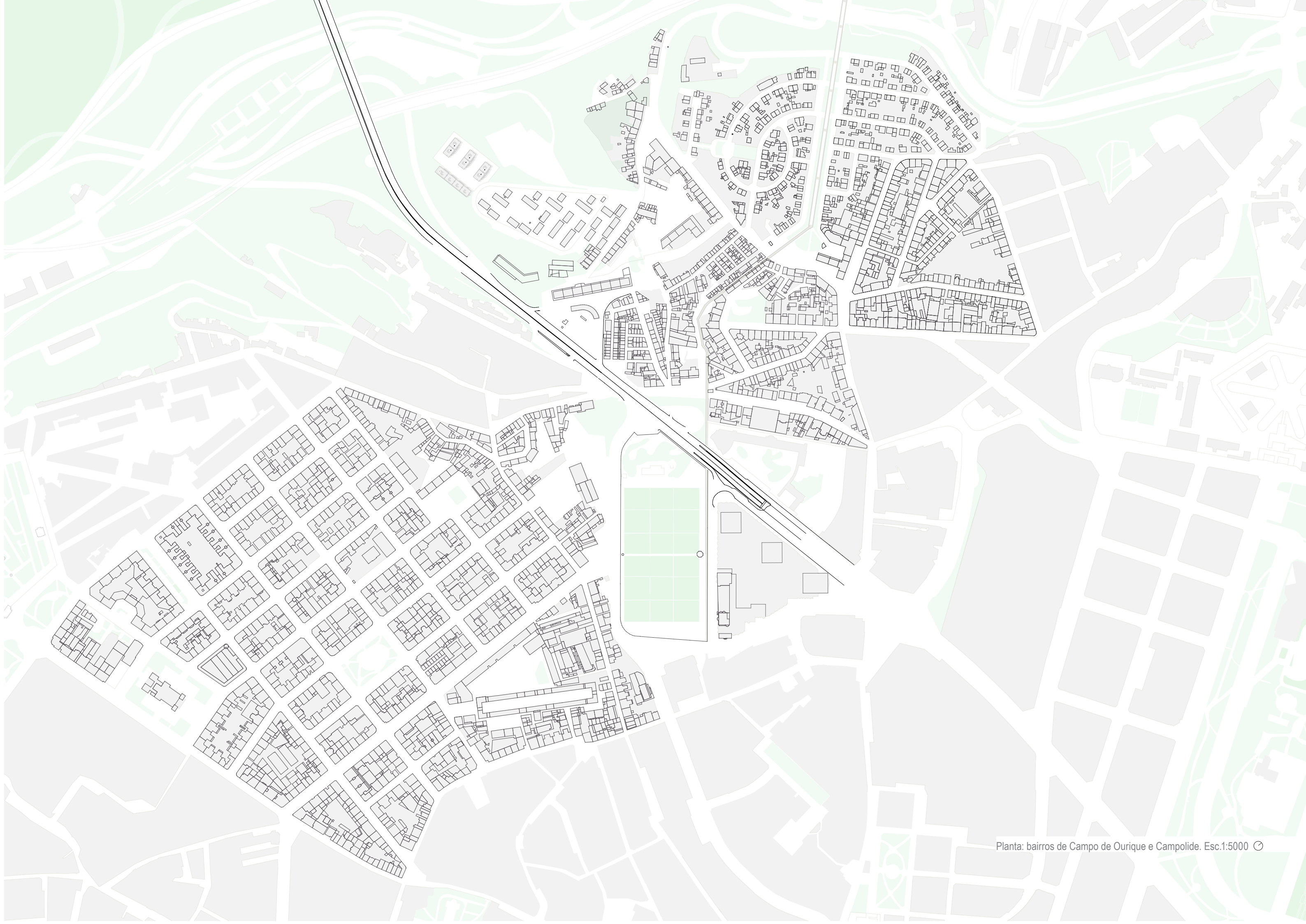
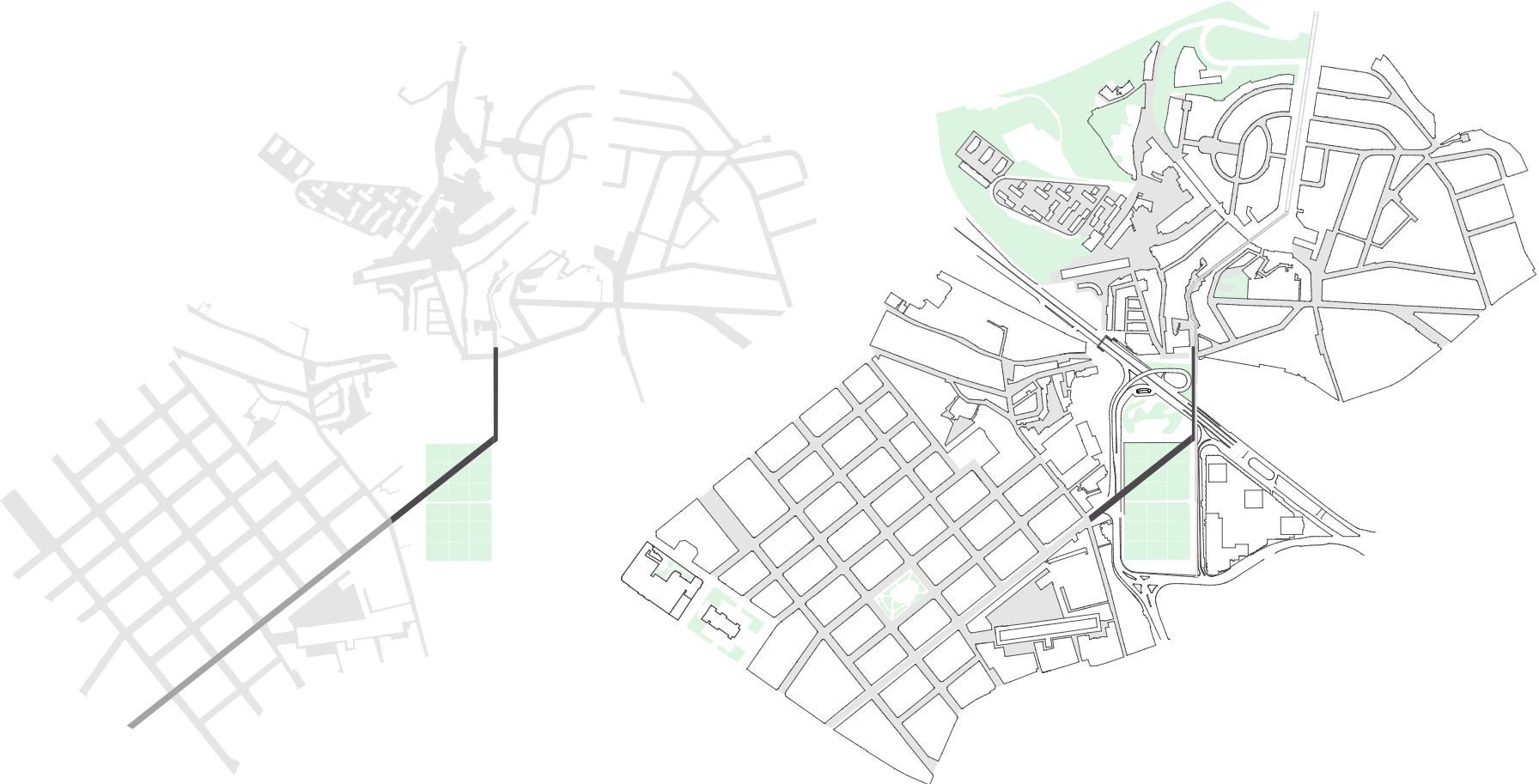
A nível de desenho urbano, social e topográfico. Campo de Ourique passa por uma fase de grande vivência comercial e habitacional, enquanto Campolide revela uma certa estagnação e condições sociais desfavoráveis. Essas diferenças tornam a possibilidade de serem ligados, do ponto de vista urbano, algo de interessante. A cidade deve ser pensada e funcionar de forma fluida sem guetos.

Actualmente esta transição pedonal é pavorosa. A topografia e a Avenida Engenheiro Duarte Pacheco cortam violentamente estes dois bairros.

Dentro do mesmo tema - mobilidade - surge a ideia de ligar dois bairros que parecem estar irremediavelmente afastados: Campo de Ourique e Campolide.

O desenho dessa ligação surge a partir da continuação do eixo da Rua Ferreira Borges, atravessando o reservatório das águas livres e inflectindo paralelamente ao Aqueduto até chegar à Rua Arvo do Carvalho em Campolide.

Plantas esquemáticas: ligação de Campo de Ourique a Campolide



RESERVATÓRIO DAS AMOREIRAS

Kevin Lynch define bairros como “regiões urbanas de tamanho médio ou grande, concebidos como tendo uma extensão bidimensional, regiões essas em que o observador penetra (“para dentro de”):”⁹

“Para dentro de” - o bairro proporciona uma sensação de intimidade dentro de uma escala urbana maior. Tomando a cidade como uma soma de elementos, os bairros assumem uma função essencial na sua qualidade de vida. É nos bairros que encontramos o conforto da aproximação à habitação.

A cidade é também um palco de diversidade, que deve fluir no seu funcionamento. Campolide e Campo de Ourique são bairros diferentes, que oferecem diferentes condições, serviços, etc. Estão em permanente mutação e uma comunicação fluida entre eles, pode tornar toda a zona de Amoreiras, Campo de Ourique e Campolide mais coesa.

A apropriação pedonal do reservatório das Amoreiras é a ação que desbloqueia aquilo que é actualmente uma fraca organização de mobilidade pedonal.

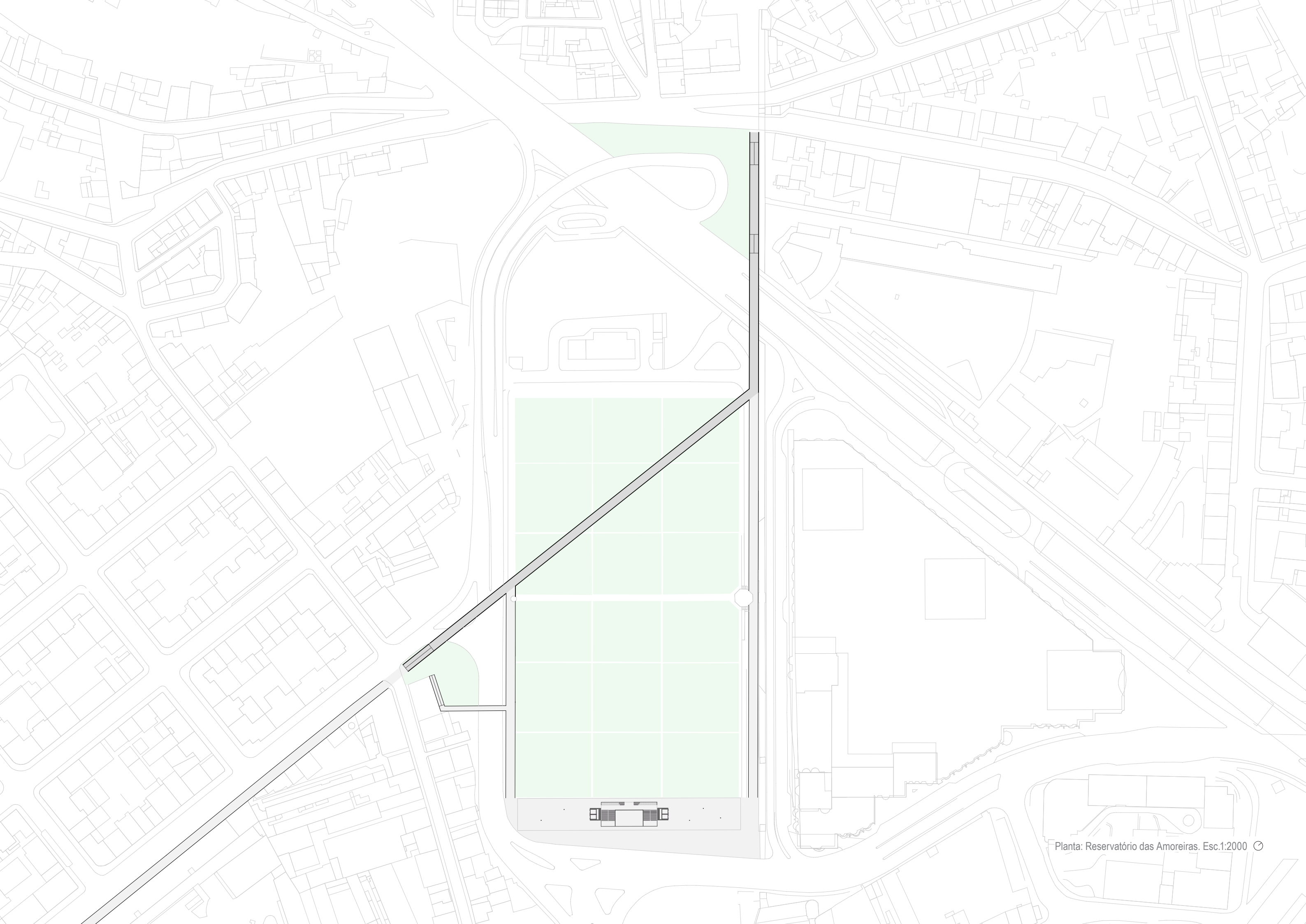
Sendo a ação mais forte entre Campo de Ourique e Campolide, também há a possibilidade de circular entre as Amoreiras e estes dois bairros.

De que forma é que esta ação se enquadra com Monsanto - o tema do projecto? Toda a cidade se influencia reciprocamente.

O arquitecto finlandês Marco Casagrande desenvolveu uma linha de pensamento sobre as cidades enquanto organismos vivos - a *Acupuntura urbana*.

A *Acupuntura urbana* entende a cidade como algo de complexo cujas partes estão totalmente interligadas. Localizado um problema, há que procurar outro ponto onde actuar para resolver o problema original. Esta escola de pensamento insere-se neste trabalho, na medida em que, melhorando toda a zona à volta do ponto de partida do teleférico, nomeadamente na sua mobilidade, o projecto como um todo potencia o seu uso e por essa via o uso de Monsanto.

⁹ LYNCH, Kevin. “A Imagem da Cidade”, 1960, p.52.



Planta: Reservatório das Amoreiras. Esc.1:2000

RESERVATÓRIO DAS AMOREIRAS

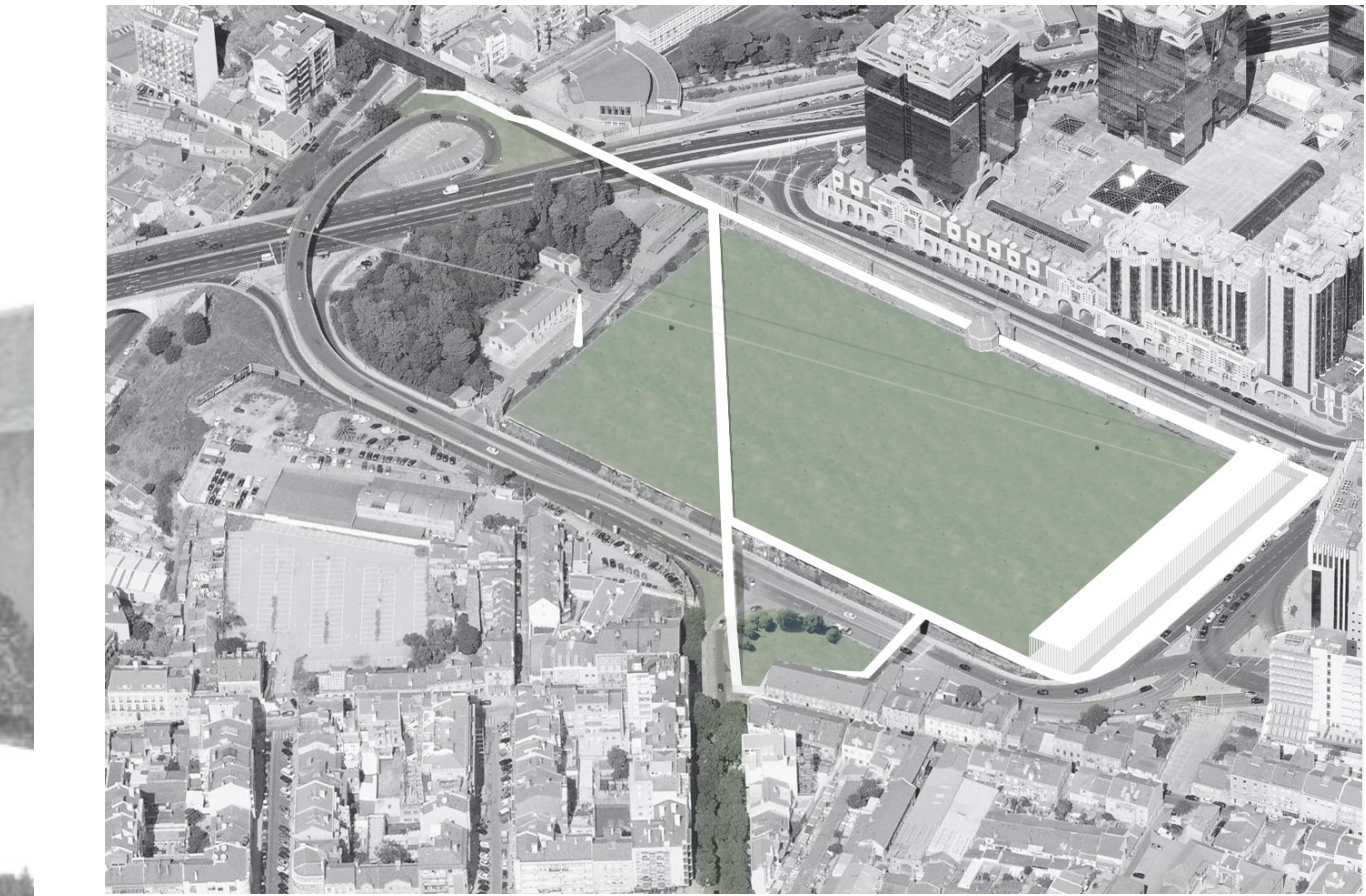
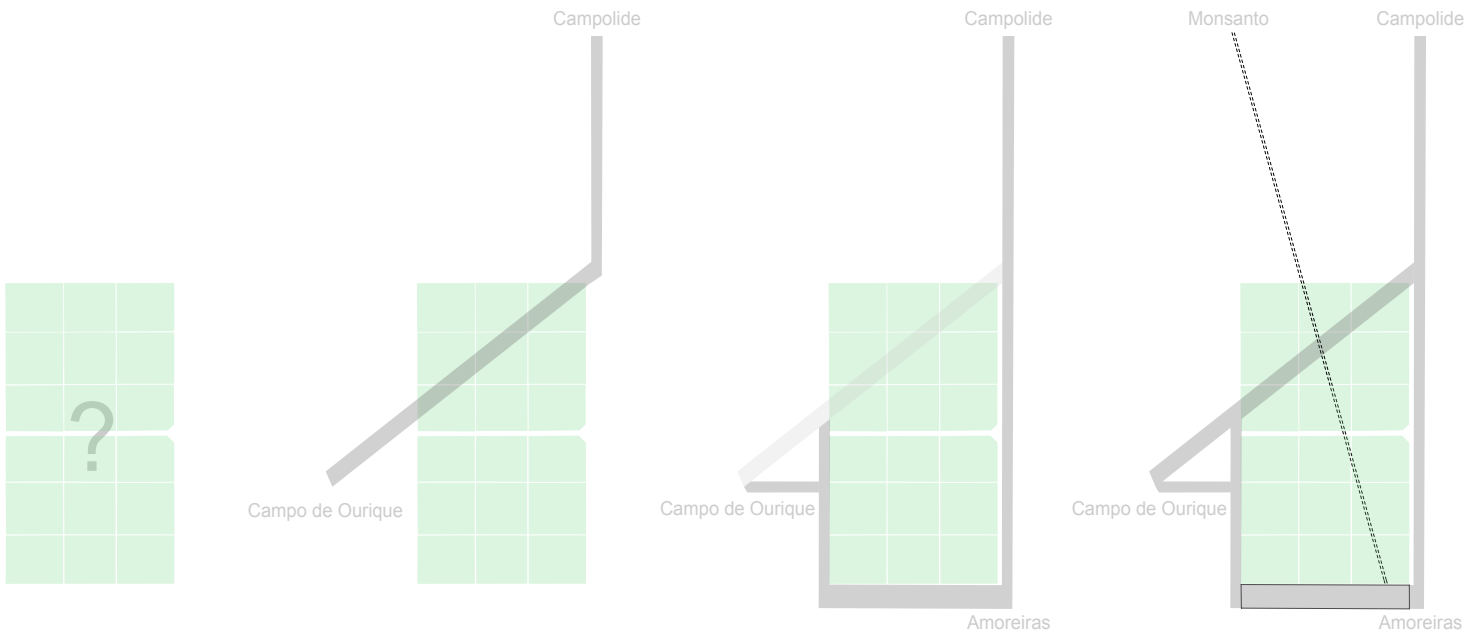
A intervenção no reservatório das Amoreiras resume-se assim em três actos após a reflexão deste espaço.

A ligação entre Campo de Ourique e Campolide através do prolongamento do eixo da Rua Ferreira Borges. A articulação desse gesto com a zona das Amoreiras, e por fim, aquilo que originou todas estas ações, o projecto do teleférico em direção a Monsanto.

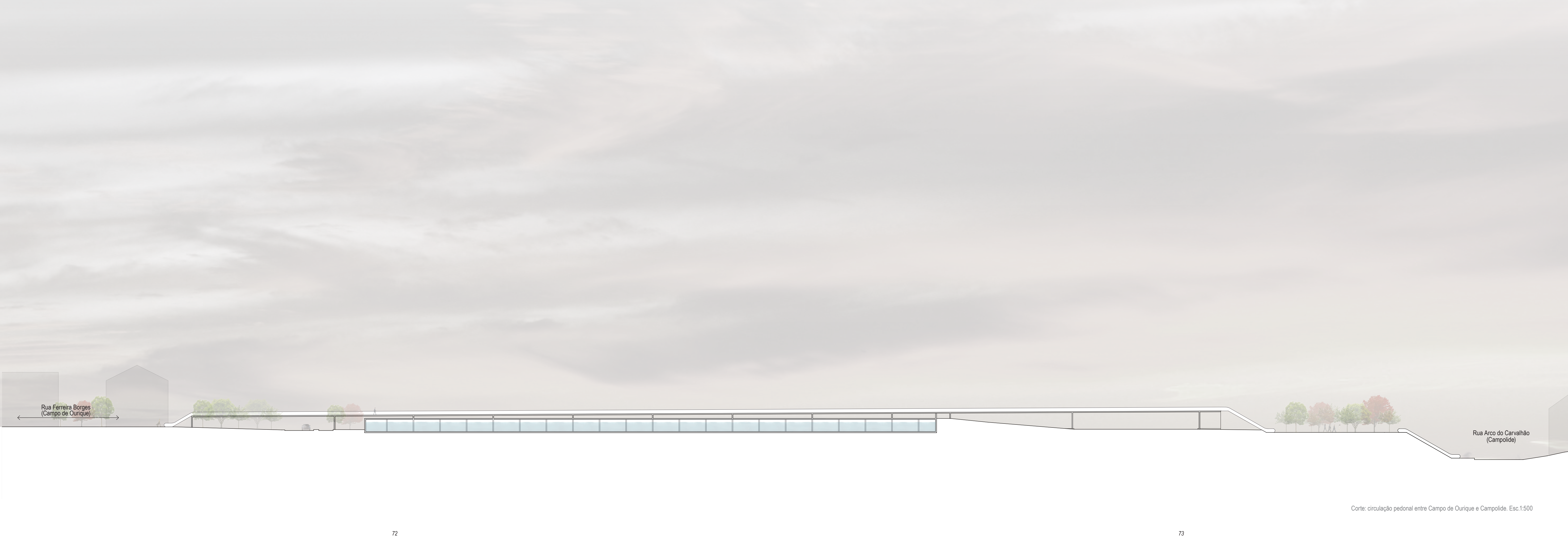
Através de um enquadramento do desenho com o vazio do reservatório, a zona de implantação para o edifício torna-se evidente.

O edifício vai assumir uma função vertical de comunicação entre a estação de metro subterrânea, a rua e o teleférico no piso superior.

Esquema: novas mobilidades sobre o Reservatório das Amoreiras



i35 Imagem representativa do caminho junto ao Aqueduto | i36 vista aérea sobre o reservatório das águas livres



Rua Ferreira Borges
(Campo de Ourique)

Rua Arco do Carvalho
(Campolide)

Corte: circulação pedonal entre Campo de Ourique e Campolide. Esc.1:500

EDIFÍCIO INTERFACE

A nível programático, o edifício acolhe a função de resolver o funcionamento do teleférico, bem como promove um restaurante com uma vista sobre um vazio que se estende até Monsanto.

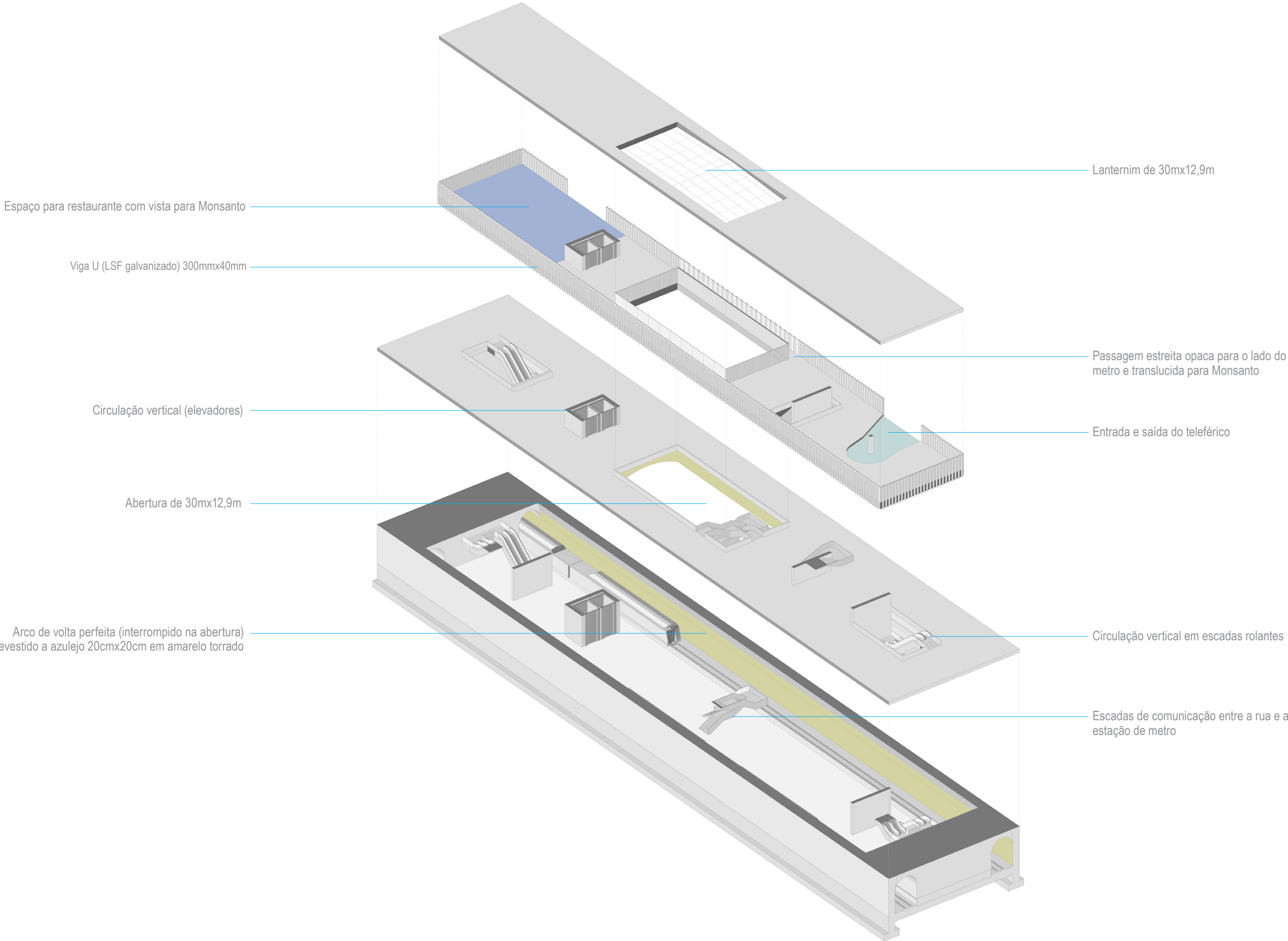
Tendo a sua envolvente um forte carácter urbano - edifícios altos e estradas com bastante movimento - o edifício afirma-se pela sua descrição e leveza.

O edifício é projectado como um volume suspenso - desta forma torna-se permeável ao nível da rua, permitindo uma relação visual forte e poética entre a rua Carlos Alberto Mota Pinto e Monsanto.

De forma a ganhar luz natural para os pisos subterrâneos, a sua cobertura proporciona luz zenital através de um vazado que vai até ao último piso.

A estrutura é suportada por laminas de betão armado com negativos incorporados que servem outras funções como seja a recolha de águas pluviais.

A fachada é toda revestida por um ritmo de perfis em LSF que garantem a estática do volume, servindo igualmente como *brise-soleil*.

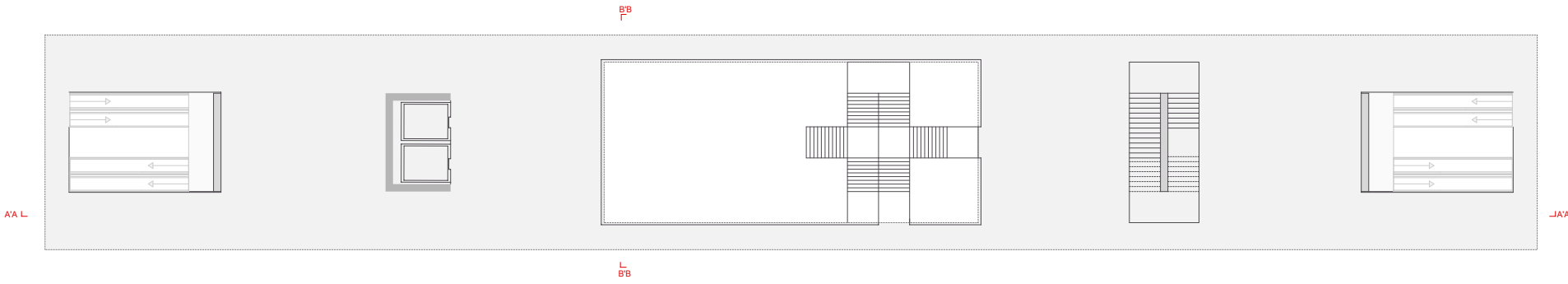
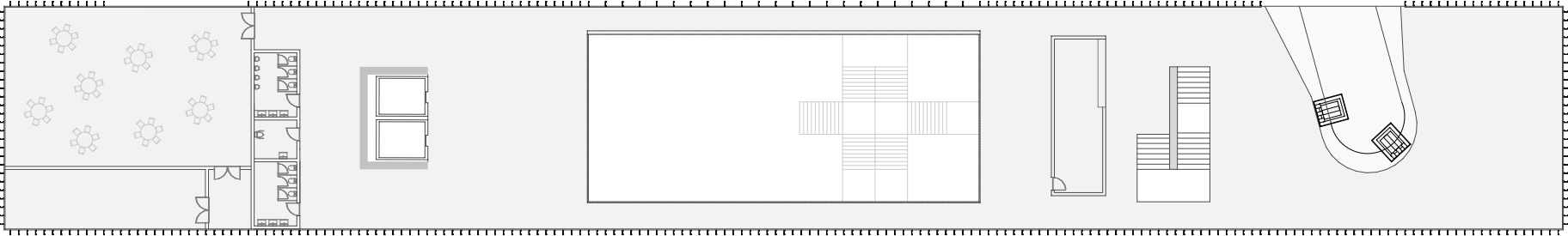


EDIFÍCIO INTERFACE

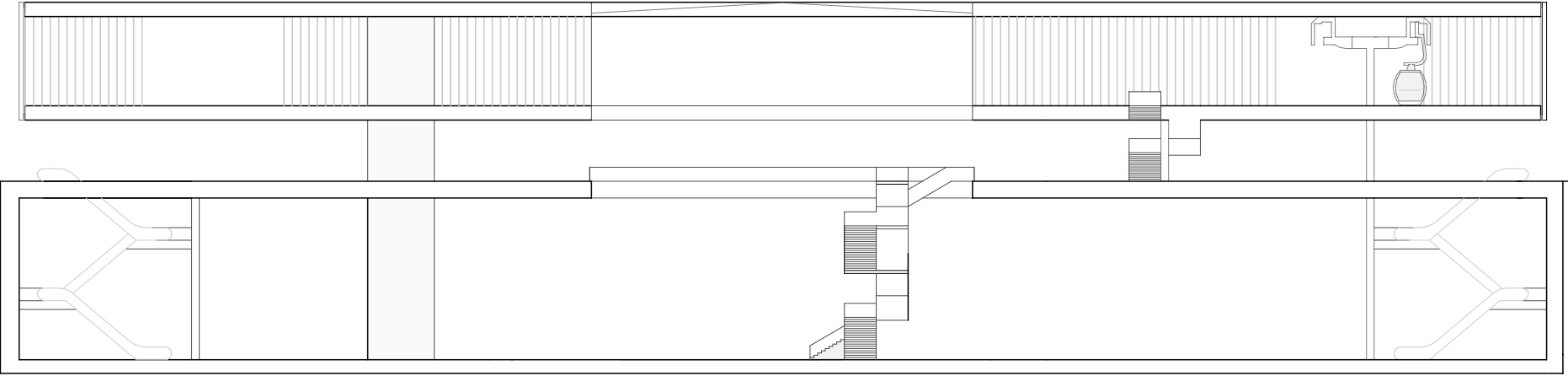
A circulação vertical é sustentada de três formas: duas escadas rolantes, uma em cada lado, dois elevadores e umas escadas centrais.

Para o volume do teleférico, pode-se aceder através de outras escadas ou através do elevador. O programa do edifício divide-se num restaurante e no funcionamento do teleférico (bilheteira).

Plantas: piso 1 e piso 0. Esc.1:500



Corte AA. Esc.1:500



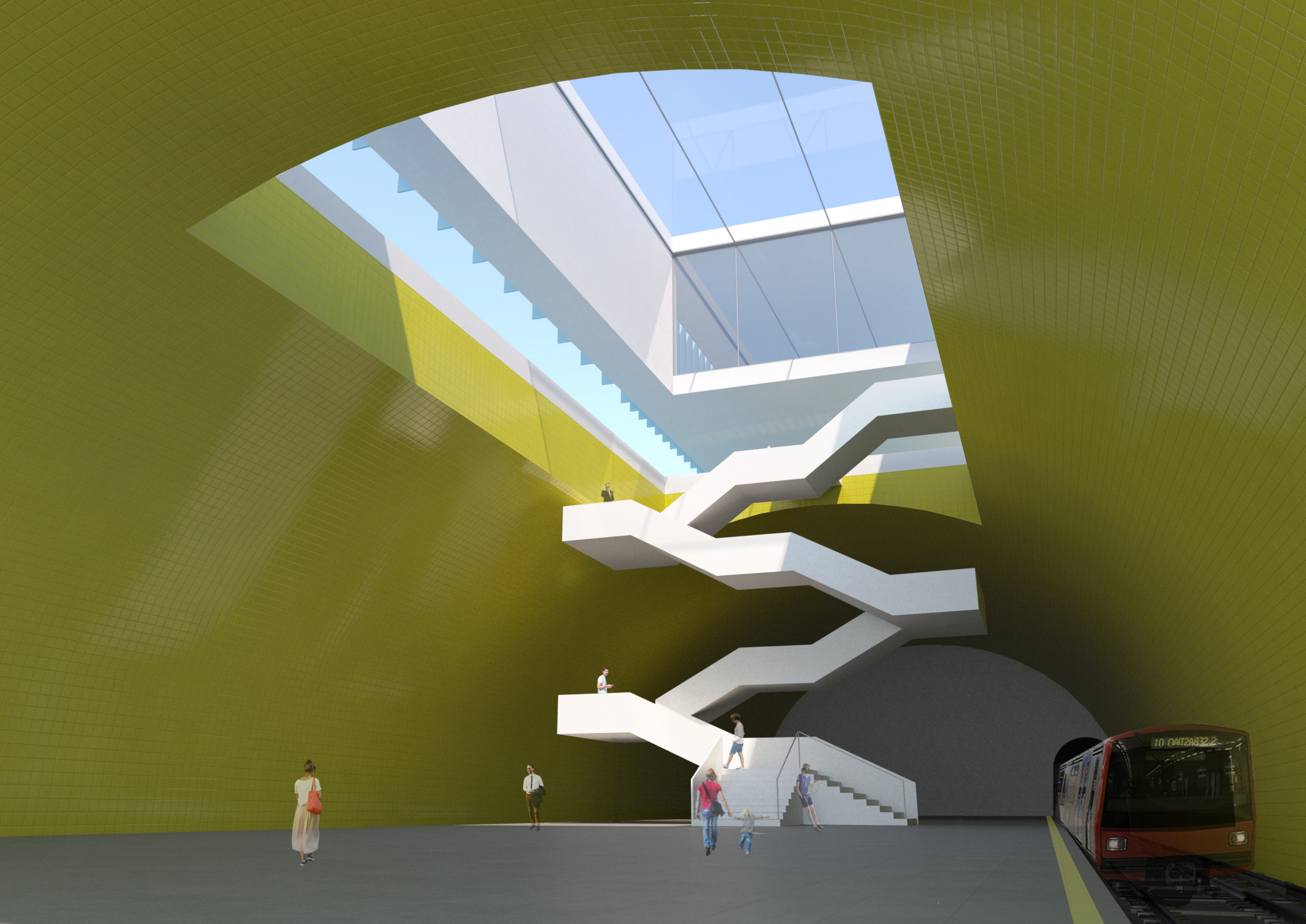
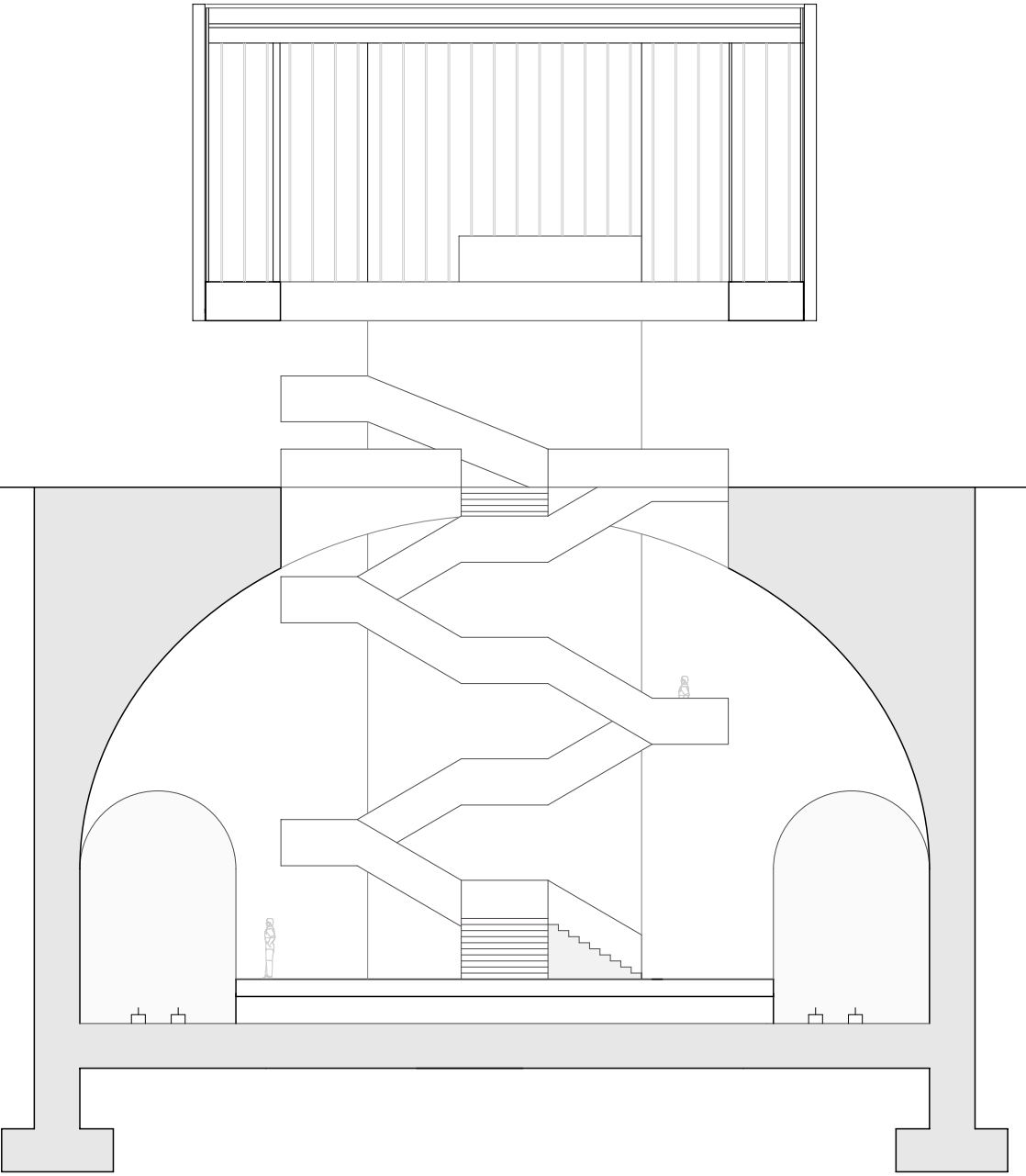
EDIFÍCIO INTERFACE

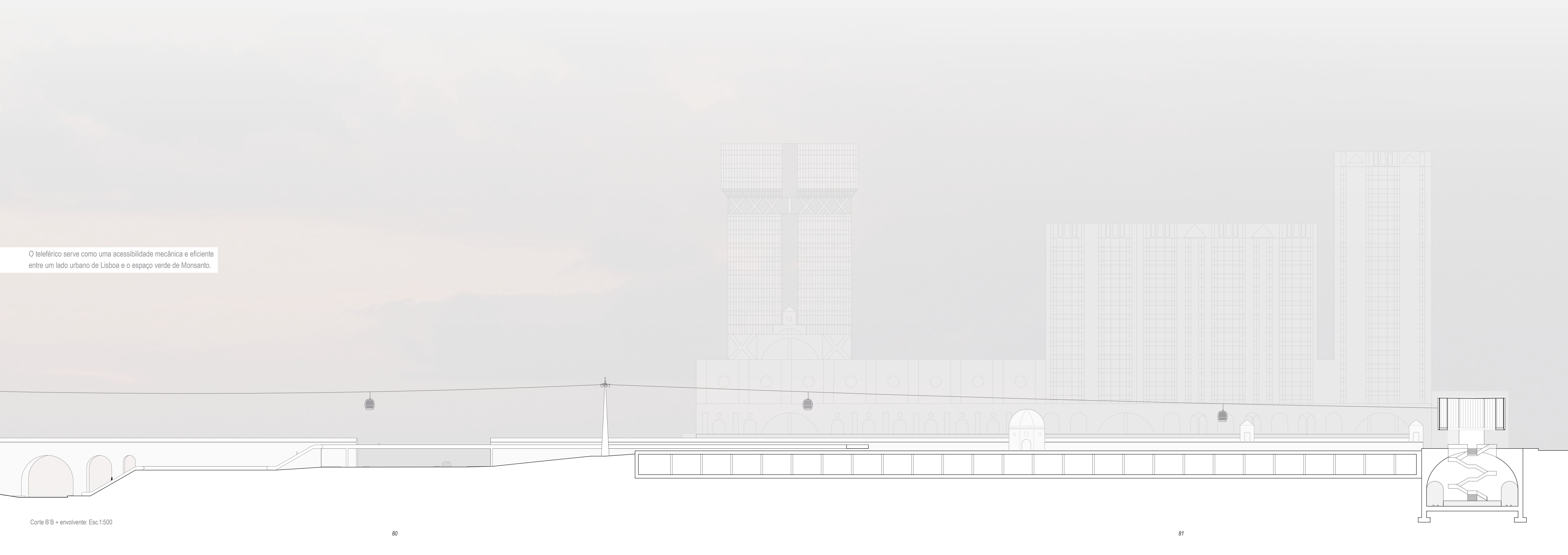
Em corte transversal pode ler-se o arco perfeito que em todo o comprimento proporcionando a sensação de um só espaço.

As escadas soltas assumem um carácter escultórico e assumem-se como protagonistas no pé direito total de 14 metros. A saída da estação é coberta pelo volume suspenso o que possibilita a proteção de chuva já na rua.

A solução do lanternim e a abertura permitem uma generosa entrada de luz natural.

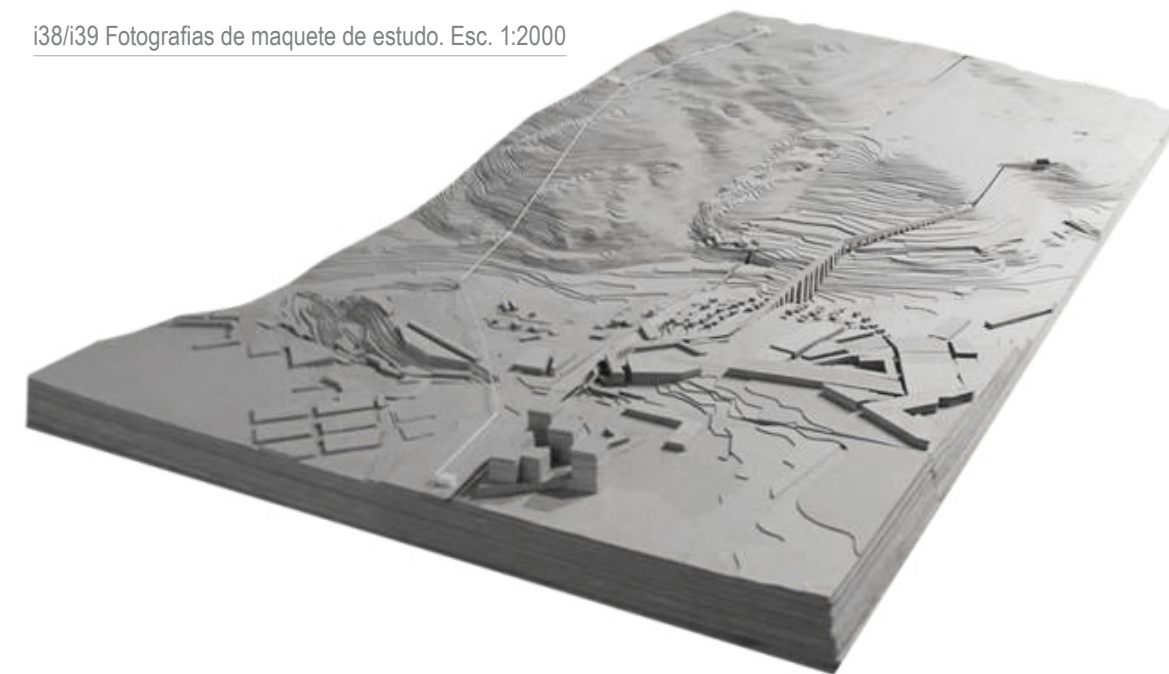
Corte transversal B'B. Esc.1:200





O teleférico serve como uma acessibilidade mecânica e eficiente entre um lado urbano de Lisboa e o espaço verde de Monsanto.

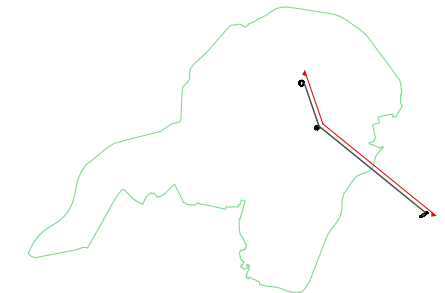
i38/i39 Fotografias de maquete de estudo. Esc. 1:2000



A linha do teleférico atravessa o vale de Alcântara, contrastando a sua leveza, com a construção em massa do aqueduto.



O teleférico assume-se como uma acessibilidade mecânica e eficiente entre um lado urbano de Lisboa e o espaço verde de Monsanto. O próprio ponto de partida tem uma forte relação visual com o parque.



Corte: Amoreiras-Forte Marquês Sá da Bandeira



O percurso do teleférico é por si só uma atração pelas novas vistas que iria proporcionar sobre a cidade, o rio e a outra margem.

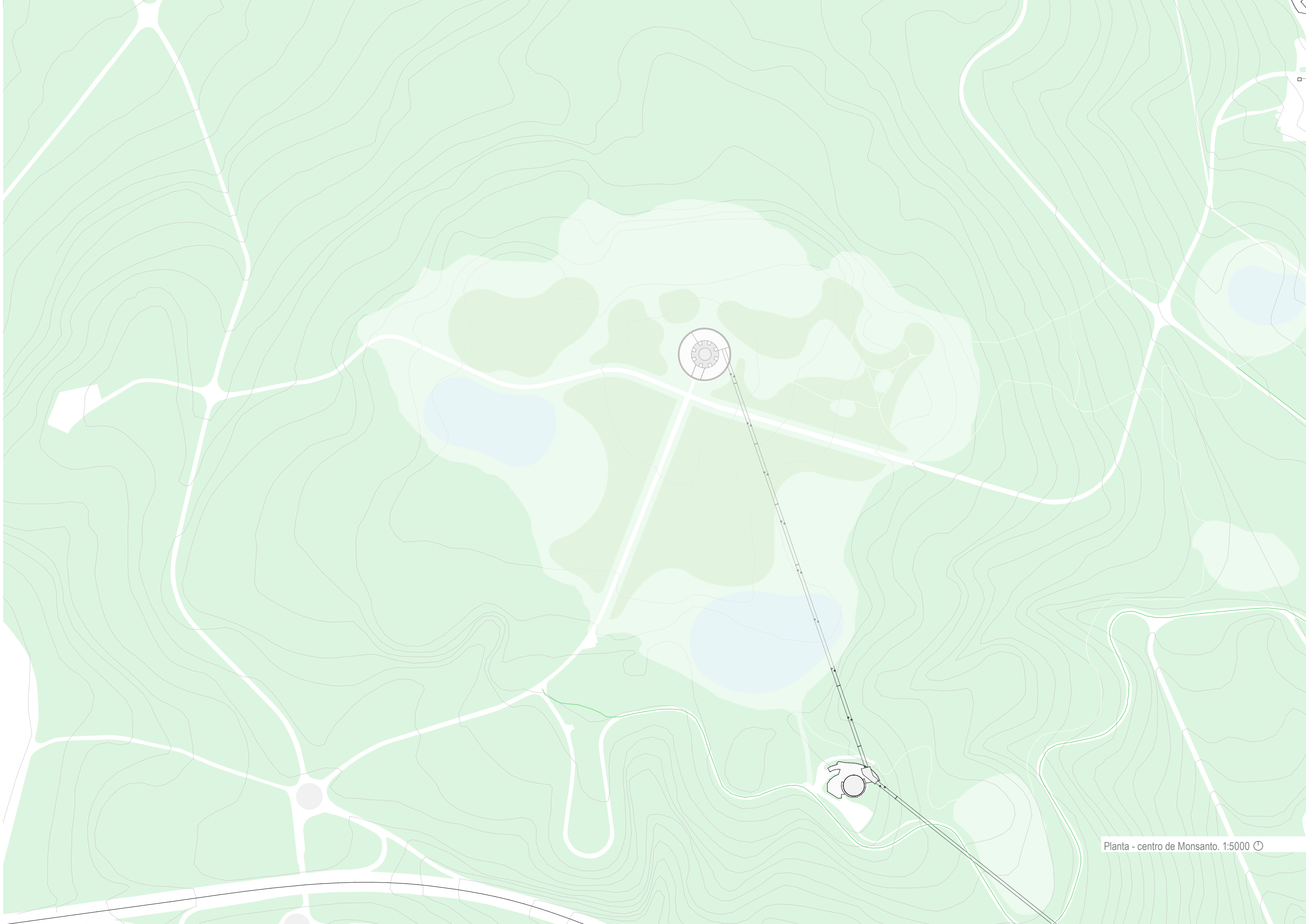
CENTRO DE MONSANTO

O projecto do teleférico potencia a reactivação do Restaurante Panorâmico e democratiza o uso do Forte Marquês Sá da Bandeira. Esta operação sobre dois edifícios marcantes (ícones) dá um novo carácter ao centro de Monsanto, mais adequado a um parque florestal. O programa de prisão de alta segurança está nos antípodas do espírito lúdico que se pretende num parque. Pela sua arquitectura de excepção, estes edifícios inscrevem-se como elementos marcantes ou ícones, que Lynch evidenciava em relação a outros elementos da cidade. Os ícones ganham uma simbologia gerador de memória colectiva e atribuindo dessa forma um significado cultural ao seu sítio.

O projecto pretende desencadear uma revitalização do parque, a partir do seu centro.

A articulação destes dois edifícios somada a uma nova ecologia com a introdução de lagos e uma vegetação repensada na sua espacialidade, a estratégia essencial que inscreve definitivamente Monsanto como o grande parque de Lisboa, na sua totalidade e não parcialmente e de forma fragmentada.

i41 Restaurante Panorâmico | i42 Forte Marquês Sá da Bandeira



RESTAURANTE PANORÂMICO

Projectado por Chaves da Costa, o Restaurante Panorâmico de Monsanto (1968) encontra-se hoje abandonado e em permanete estado de degradação. O edifício integra painéis e altos relevos da autoria de Querubim Lapa.

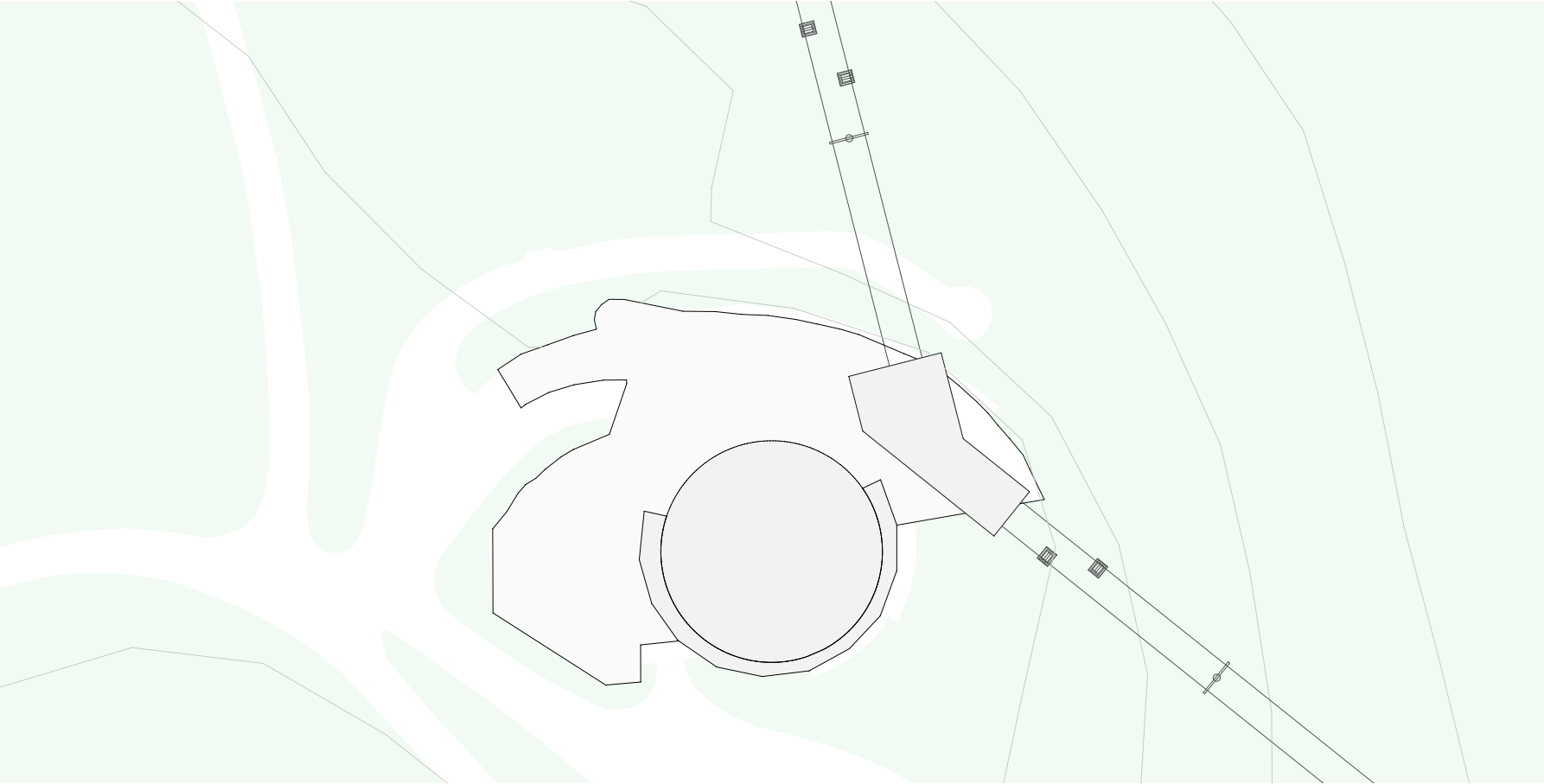
A sua localização e a forma como o edifício foi projectado possibilitam vistas assombrosas a Nascente, Poente, Sul e Norte.

O projecto do teleférico pretende colmatar o facto de ser actualmente unica e exclusivamente acessível através de automóvel. Daí também o seu historial de fracasso.

Esta acessibilidade alternativa e ao mesmo tempo lúdica traria concerteza uma afluência constante, sendo um ponto intermédio entre as Amoreiras e o forte de Monsanto.

O restaurante panorâmico é revitalizado como um projecto excepcional e que vale a pena recuperar como atração em Lisboa.

Planta de cobertura - Restaurante Panorâmico de Monsanto Esc.1:1000

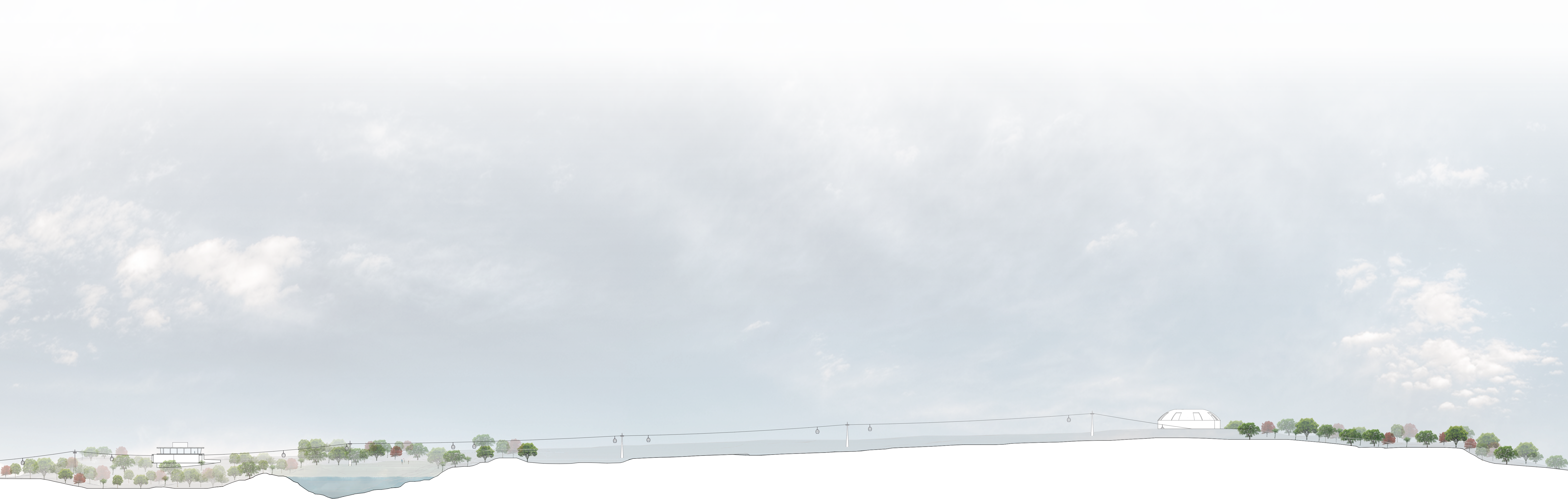




O edifício está totalmente abandonado e em processo de degradação. A plataforma já existente, ao lado do edifício, serviria para um pequeno volume de apoio ao teleférico na saída e entrada de passageiros.



Uma das vistas a partir do Restaurante Panorâmico incide sobre o ponto de partida do teleférico.



CENTRO DE EXPERIMENTAÇÃO TEATRAL

“Na segunda metade do Século XIX, foram construídas na Serra de Monsanto, devido à sua importância geo-estratégica, algumas estruturas militares incluídas no Campo Entrincheirado de Lisboa, o sistema de defesa da capital: O Forte de Monsanto, actual estabelecimento Prisional de Monsanto, o Forte do Alto do Duque, o reduto de Montes Claros e as Lunetas, protegiam a Capital de possíveis ataques inimigos.”¹⁰

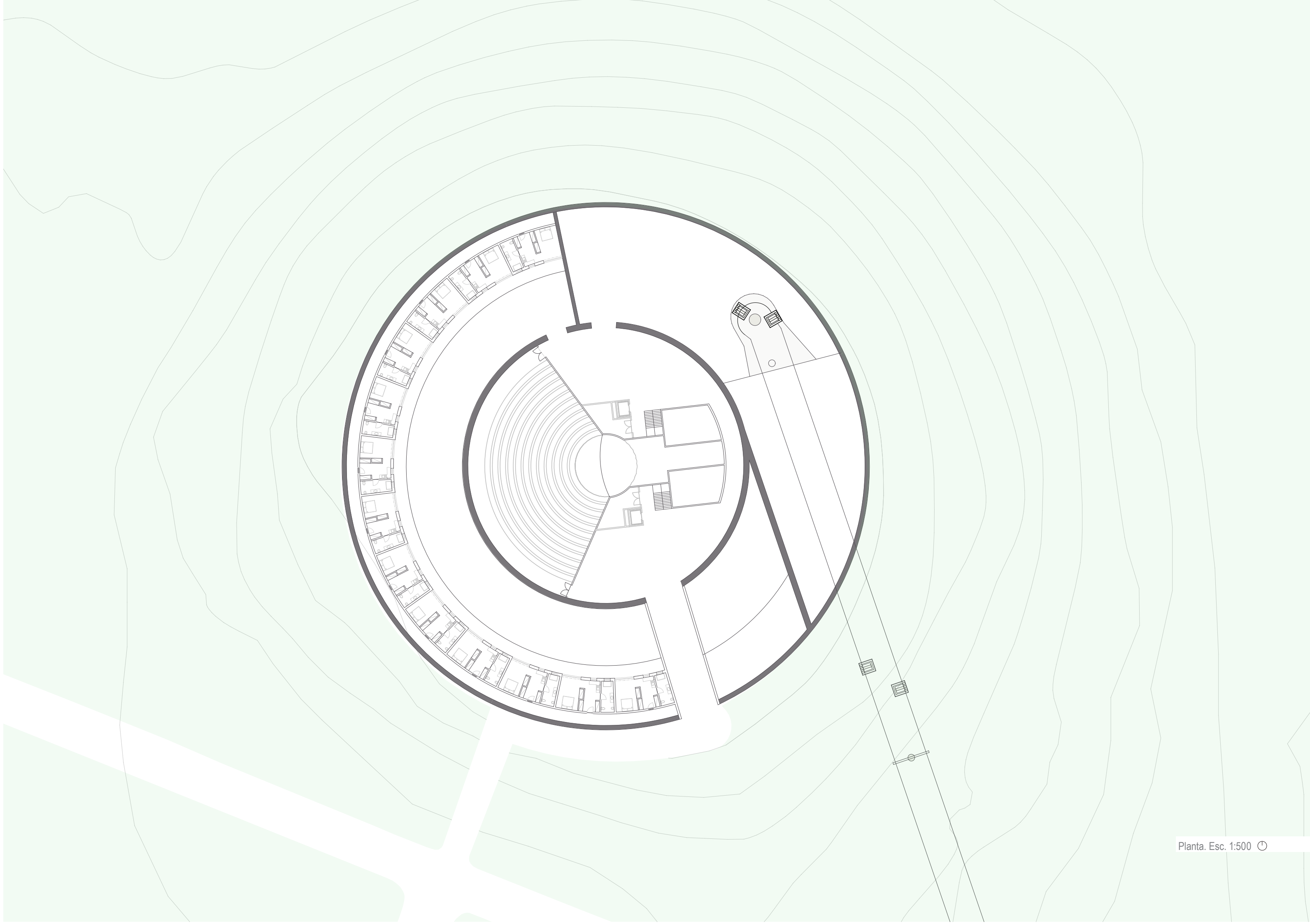
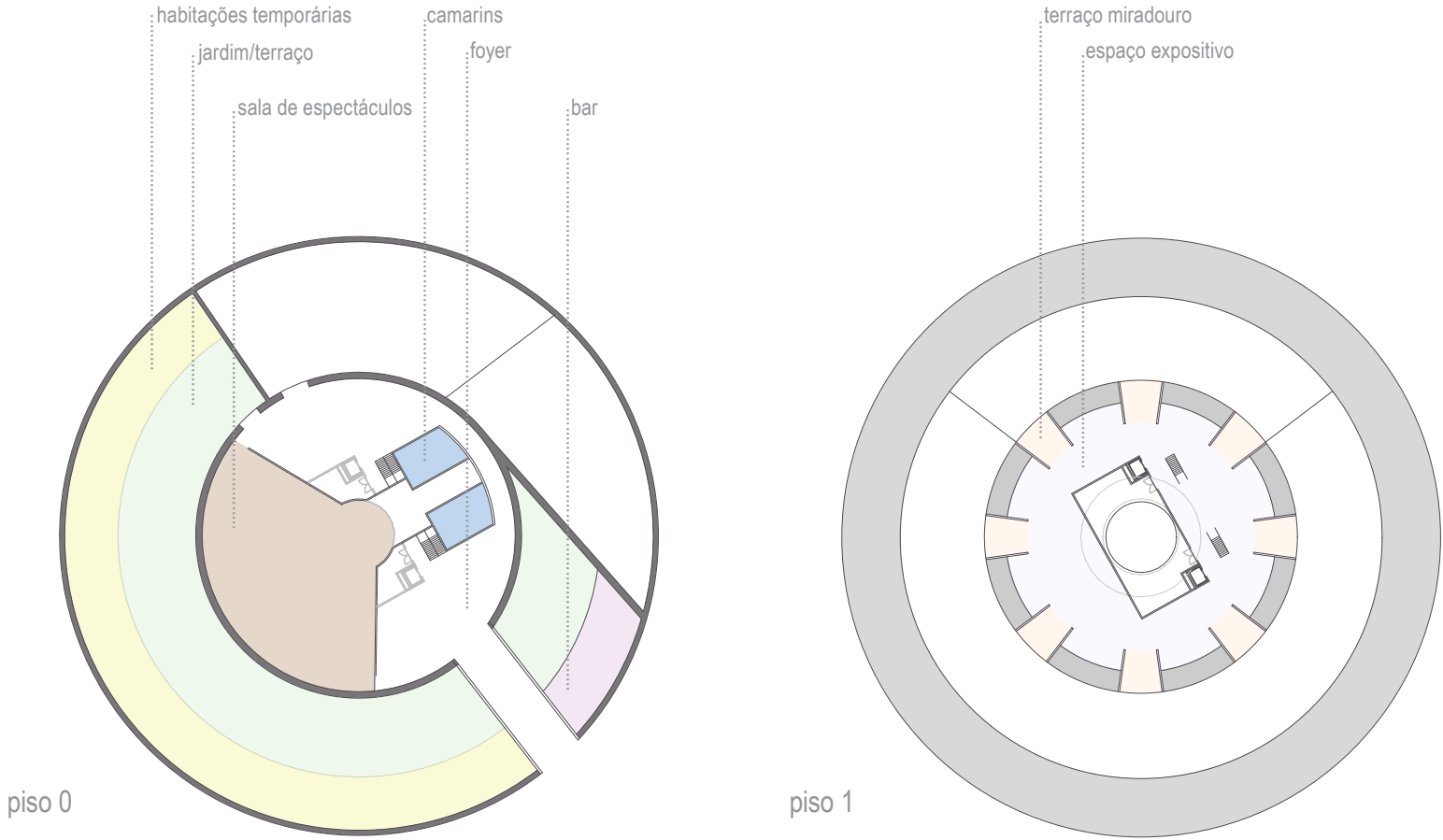
Pela sua estrutura panóptica e implantação no ponto mais alto de Lisboa, o forte de Monsanto, assume-se como um ponto dominante, enquanto sinal na paisagem, visto de fora, quer como referência quando se está lá em relação ao exterior.

A obra de Aldo Rossi “A Arquitectura da Cidade” enquadra-se no trabalho nesta última operação, bem como, numa lógica de reflexão sobre o projecto como um todo.

A Arquitectura dura mais que a função - a principal crítica de Rossi ao funcionalismo. Há formas perenes que podem sempre adaptar-se a novas funções.

10 <http://www.cm-lisboa.pt/municipio/historia/historial-do-parque-florestal-monsanto>

Organigrama programático



CENTRO DE EXPERIMENTAÇÃO TEATRAL

O projecto readapta este edificio a uma nova função: um Centro de experimentação teatral, integrando-o na estratégia de repensar todo o centro de Monsanto. Aproveitando a sua forma peculiar, o projecto faz as adaptações necessárias ao funcionamento do espaço para um teatro. Tendo também no piso superior um espaço expositivo e no anel exterior, habitações temporárias, destinadas a acolher as equipas multi-disciplinares que venham a usar o novo equipamento cultural. No piso superior, o edificio proporciona também doze pequenos terraços exteriores que a partir do ponto mais alto de Lisboa se revelam como autênticos miradouros.

De forma a estruturar o seu estudo, Rossi entende a arquitectura da cidade através de duas formas: uma primeira em que é possível assemelhá-la a “um grande manufacto, uma obra de engenharia e de arquitectura, maior ou menor, mais ou menos complexa, que cresce no tempo”¹¹ – um todo. E uma segunda abordagem que fragmenta a cidade em áreas delimitadas e factos urbanos caracterizados por uma determinada arquitectura.

Os edificios que criam por si só uma memória colectiva geral, enquanto produtos de colectividade e de criação de memória.

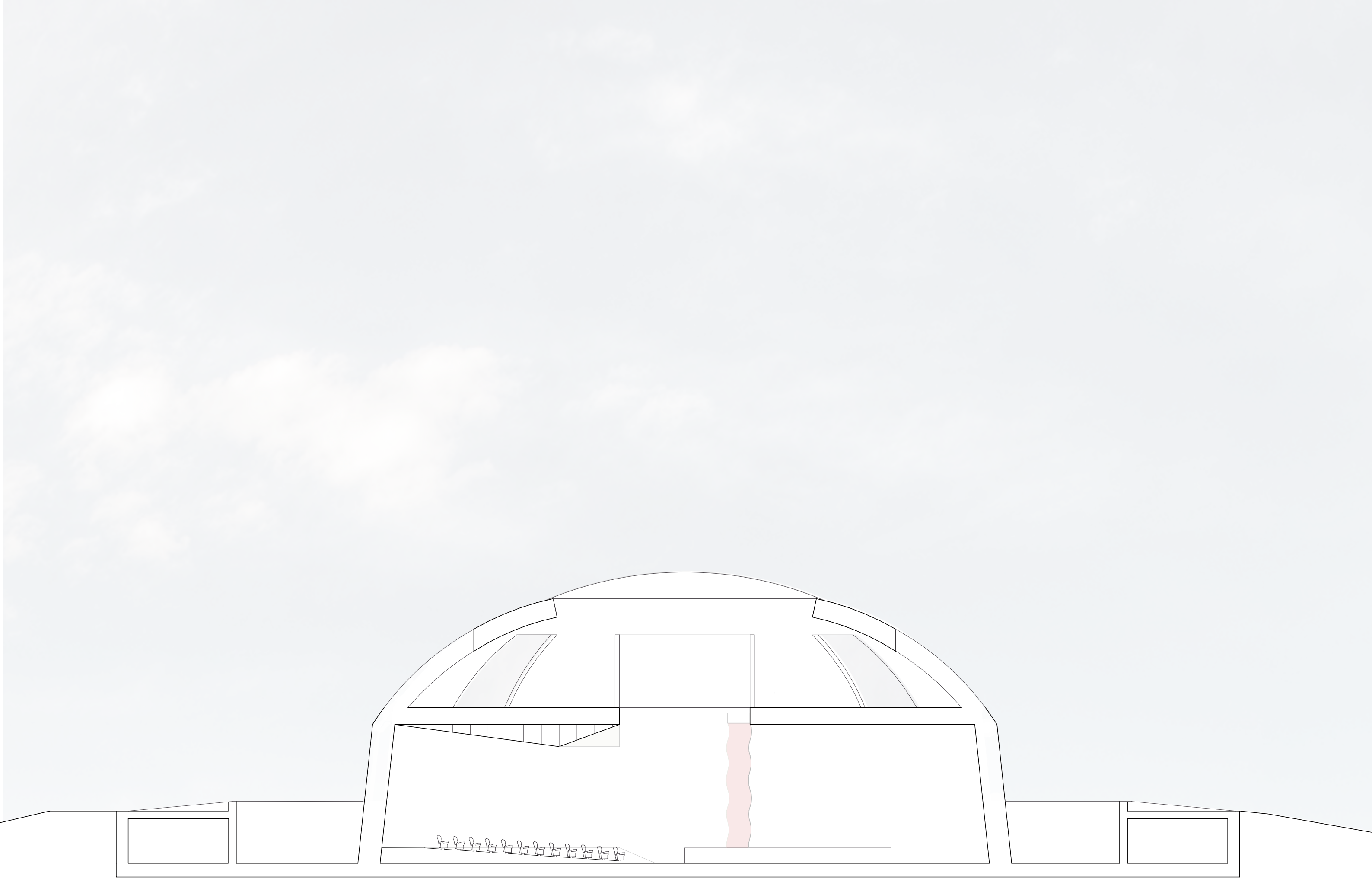
11 Rossi, A. (1966). "A arquitectura da cidade". Lisboa: Edições Cosmos, p. 43

Num e noutro caso a arquitectura não representa senão um aspecto de uma realidade mais complexa. Cada facto urbano é condicionado mas também é condicionante. Por toda a Europa há exemplos de factos urbanos que são condicionados e condicionantes; grandes edificios ou conjuntos edificados que constituem bocados de cidade mas cuja função é dificilmente a originária.

O forte de Monsanto transformado em espaço cultural é um forte exemplo que corrobora a ideia de Rossi que o edificio dura mais que a função e a cidade dura mais que o poder. A cidade está em constante transformação e evolui no sentido de vontades colectivas.

A tipologia, neste caso o forte, é o elemento de permanência. A tipologia é um dos principais temas na obra a “Arquitectura da cidade” que procura ordenar e dispôr os principais problemas da ciência urbana, olhando para a cidade como elemento autónomo. Considerada como dado último – uma construção. Através do desenho, uma autonomia enquanto criação de processo independente face às outras áreas.

Essa autonomia é o que permite politizar novamente a arquitectura. Possibilita-lhe a escolha e a produção de referências próprias.



Corte transversal - Esc. 1:250

CENTRO DE EXPERIMENTAÇÃO TEATRAL

Partindo do vazio central existente na cobertura do edifício, o projecto explora essa situação de forma a criar a possibilidade de uso de luz natural por cima da boca de cena.

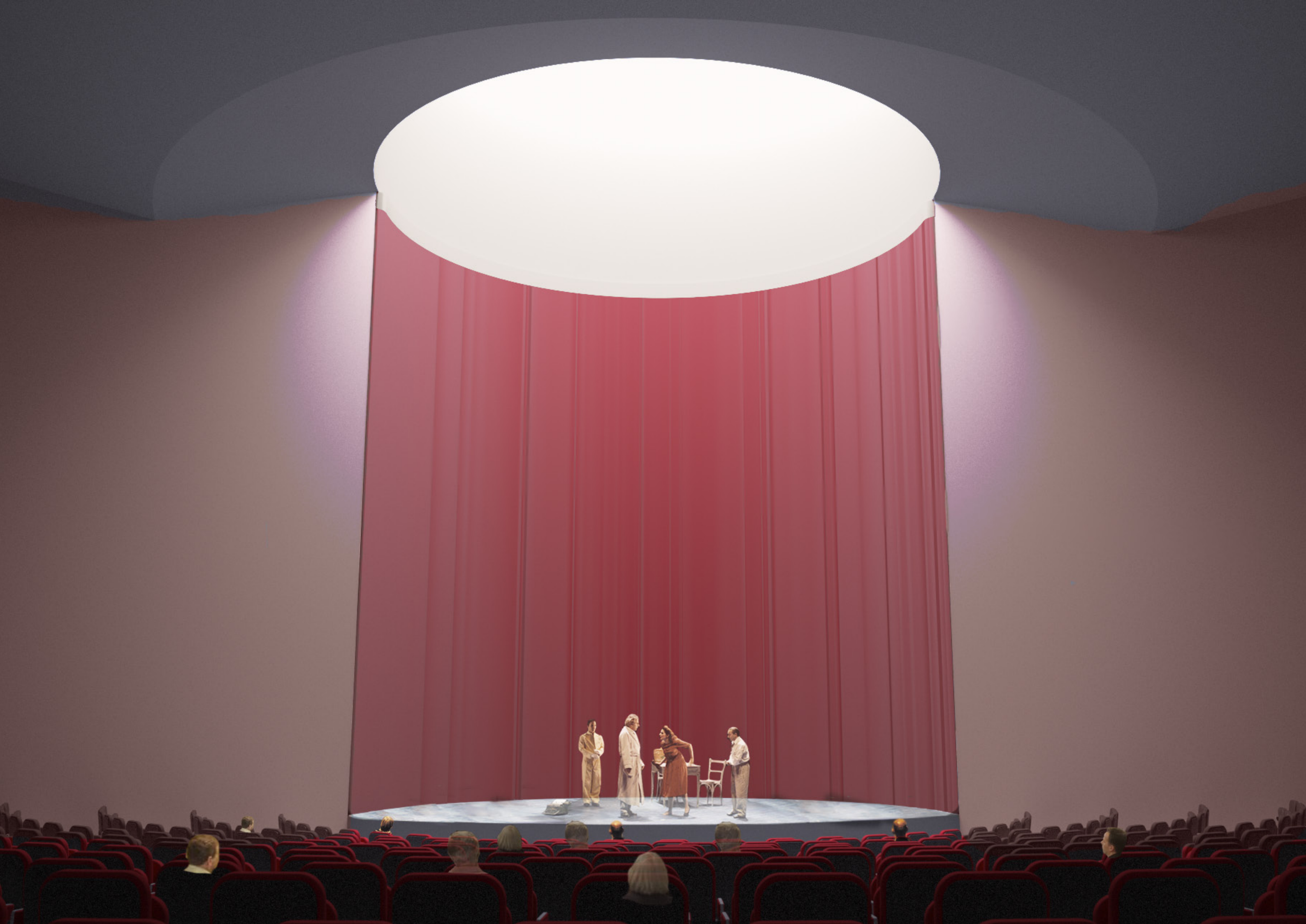
Esta possibilidade invulgar, torna o espaço absolutamente distintivo e flexível a outro tipo de espectáculos.

Rossi destaca as formas permanentes, as estruturas urbanas essenciais, o valor do limite entre o espaço público e o privado.

É uma busca pela permanência das coisas relevantes, justamente através da memória mas numa perspectiva de presente - há formas perenes que podem sempre adaptar-se a novas funções.

A forma que condensa o carácter total dos factos urbanos, inclusivamente a sua origem. À escala da cidade, Rossi também analisa a forma da cidade e de que forma o indivíduo nela se orienta e nessa perspectiva, relaciona-se também com a obra de Lynch. Mas só o estudo da legibilidade de uma cidade pode ser uma abordagem redutora ao tema. O estudo da legibilidade de uma cidade pode menosprezar algo bem mais importante: a sua experiência concreta. Qualquer facto urbano, por mais pormenorizadamente descrito que seja, nunca se pode comparar à vivência desse facto. Ao percorrer de uma rua, bairro ou palácio. Sempre numa perspectiva de arquitectura de cidade. Do seu todo. O todo, sendo

mais importante que cada uma das partes - o facto urbano na sua totalidade.



SÍNTESE DO PROJECTO

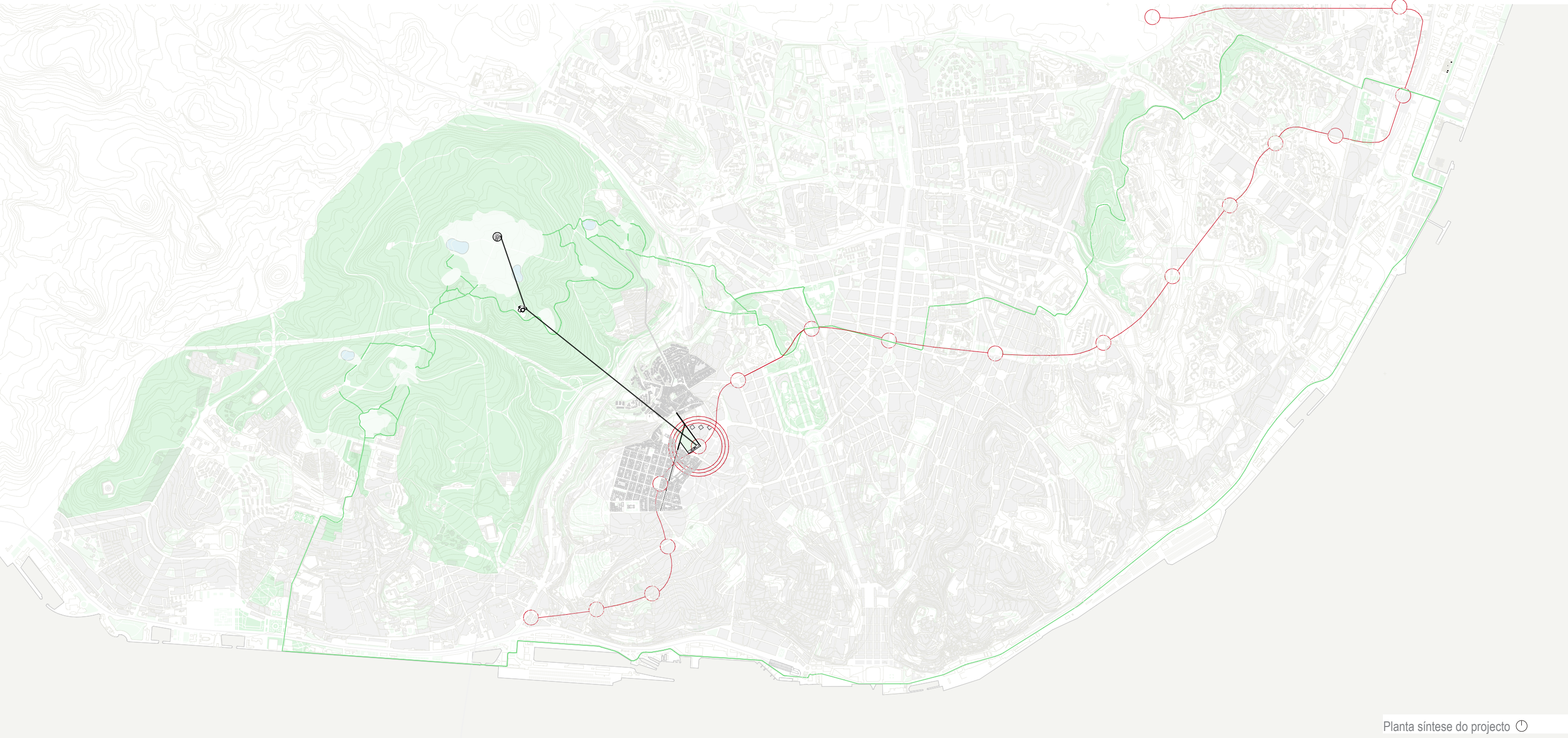
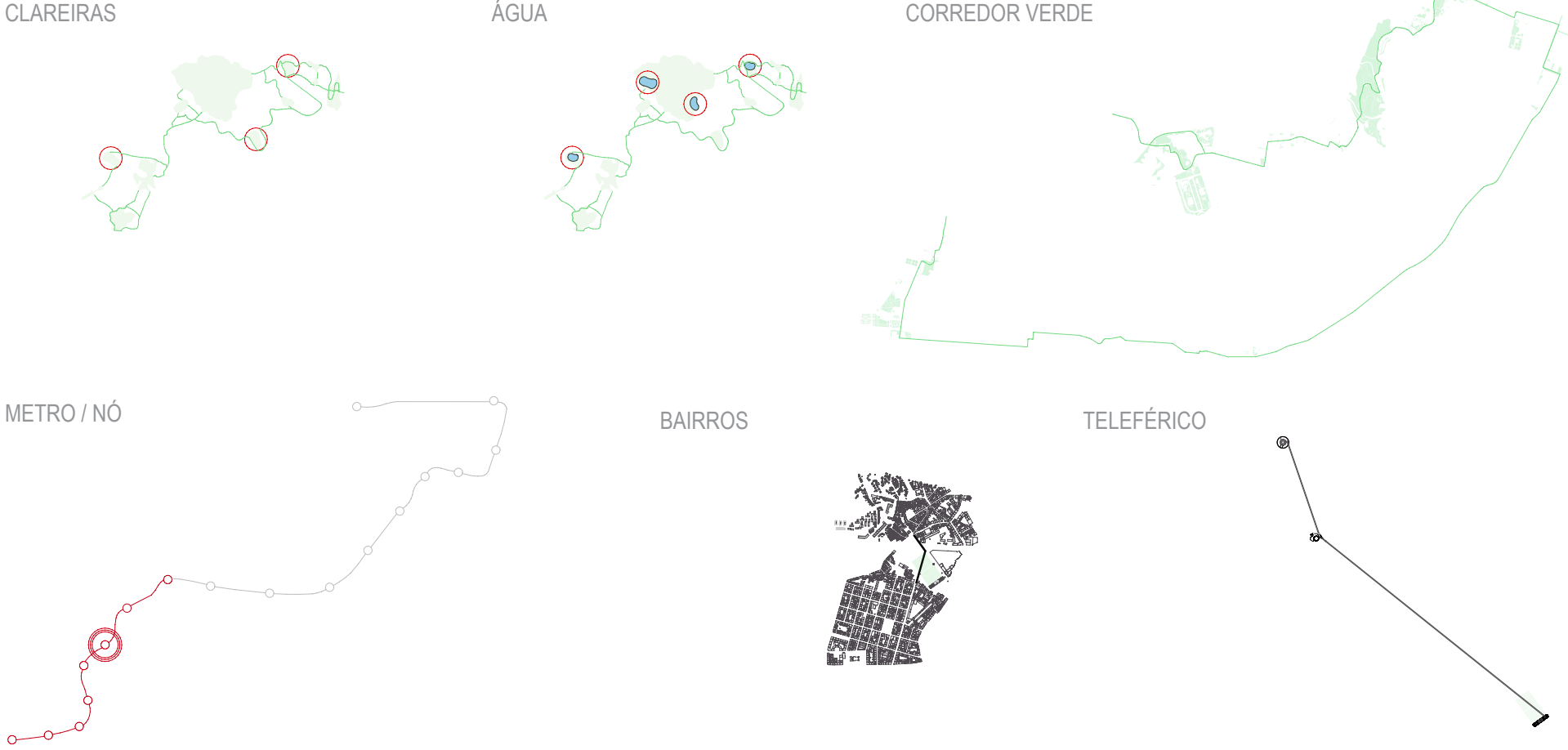
Concebo a arquitectura em sentido positivo, como uma criação inseparável da vida civil e da sociedade em que se manifesta; ela é, por natureza, colectiva.¹²

Apoiado numa base teórica estruturalista, Rossi declara ser necessário identificar os princípios que definem uma estrutura urbana. A essência da sua pesquisa consiste justamente no reconhecimento da cidade como chave de leitura para instruir uma nova arquitectura. A construção de arquitectura enquanto ambiente no qual vivemos de forma colectiva. É neste âmbito que o trabalho propõe acima de tudo uma reflexão propositiva, a toda a escala, sobre Monsanto e sua relação com a cidade. Cada ação está mais enquadrada em áreas específicas como arquitectura paisagística, urbanismo ou arquitectura como forma de construção e pensamento. Mas qualquer ação reflecte sobre espaço, tempo e o funcionamento da cidade. Essa que é a "Arquitectura da cidade" de Rossi, é também a Arquitectura deste trabalho - enquanto transformação do todo que é a cidade.

A acção humana insere-se sempre num enquadramento de memória e tempo e o que não está feito é a fantasia subjacente a tudo.

¹² Rossi, Aldo. (1966). "A arquitectura da cidade". Lisboa: Edições Cosmos, p. 23

Síntese do projecto



Planta síntese do projecto

BIBLIOGRAFIA

BANDEIRA, Pedro. Arquitectura como Imagem: Obra como Representação. Braga: DAAUM, 2007
CALVINO, Italo. As cidades invisíveis. Lisboa: Teorema, 1972. ISBN: 972-695-171-2.
CORNER, James. Terra fluxus
CZERNIAK, Julia, Large Parks, Nova Iorque: Princeton Architectural Press, 2007. ISBN 978-156-898-624-1
DEBORD, Guy. A sociedade do espectáculo. Lisboa: Afrodite, 2002. ISBN: 972-716-002-6.
ECO, Umberto. Obra aberta. Lisboa: Difel, 1989. ISBN: 972-29-0039-0.
LOOS, Adolf. Ornamento e crime. Lisboa: Cotovia. 2004. ISBN: 972-795-101-5.
LYNCH, Kevin, A boa forma da cidade. 1981. ISBN: 978-972-44-1330-3
LYNCH, Kevin, A imagem da cidade. 1960. ISBN: 978-972-44-1411-9
RODRIGO, Joaquim. O parque florestal de Monsanto, Lisboa: Câmara Municipal, 1952. CDU 908-454-4
TOSTÕES, Ana. Monsanto, Parque Eduardo VII, Campo Grande: Keil do Amaral, arquitectos dos espaços verdes de Lisboa, Lisboa: Salamandra, 1992. ISBN 972-689-044-6. ROSSI, Aldo, A Arquitectura da Cidade. ISBN 9789727621262

Sites consultados:

- <http://www.cm-lisboa.pt> <http://www.cm-lisboa.pt/muinipio/historial-do-parque-florestal-monsanto> <http://pdm.cm-lisboa.pt/index.html>
www.gap.pt
<http://www.pordata.pt>
<http://www.panoramio.com>

Aos meus pais.
Ao meu irmão e família do Porto à Suécia.
Aos amigos: os de infância, Colégio Moderno, DT, UAL, BASE e Balneário - todas para a vida.
Ao corpo docente da UAL que fez valer a pena este caminho.
E a ti, Joana.